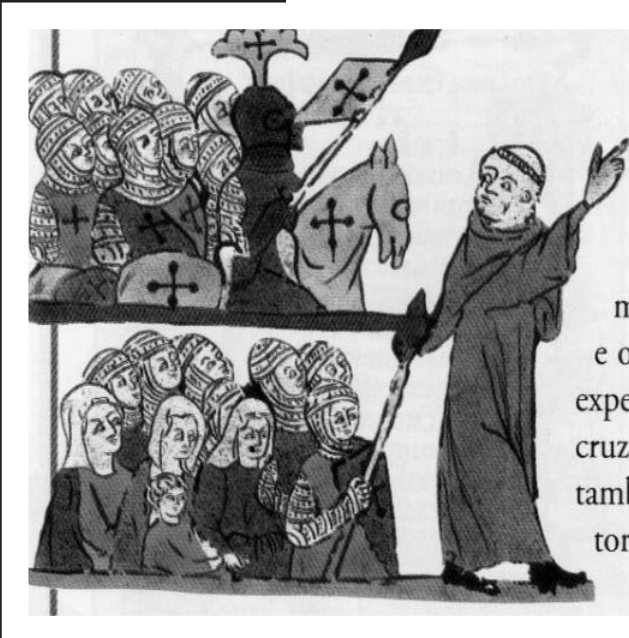


*Marisa Costa*  
*Universidad de Coimbra*

---



*IN PREDICATIONE*  
*CRUCESIGNATORUM.*  
ESTRATÉGIAS DUCENTISTAS DE  
INCITAMENTO À CRUZADA

#### RESUMEN

*A partir del estudio de cuatro modelos de sermones escritos a mediados del siglo XIII, por el dominico francés Humbert de Romans, se reflexiona sobre las estrategias entonces utilizadas para invitar a los creyentes a participar en una cruzada. Para ello, se enmarca la vida y la obra del autor en la época respectiva, haciendo un repaso por los antecedentes de todo el escenario histórico. Asimismo se analizan las prácticas de predicación que imperaban, al igual que la producción de una sermonaria específica, con el propósito de aclarar las funciones y los objetivos de los textos estudiados.*

#### ABSTRACT

*On the basis of four models of sermon written in the mid-thirteenth century by the French Dominican Humbert de Romans, this article reflects on the strategies used at the time to persuade the faithful to take part in a crusade. To do so, it puts the life and works of the author in the context of their era, summarising the background to the entire historical scene. The article also analyses the dominant preaching practices and the production of a specific collection of sermons, for the purpose of clarifying the functions and aims of the texts studied.*

#### PALABRAS CLAVE:

*Historia religiosa, predicación de la cruzada, sermonaria, Humbert de Romans*

#### KEY WORDS:

*Religious history, preaching of the crusade, collection of sermons, Humbert de Romans*

Em qualquer enciclopédia sem pretensões a ultrapassar uma função divulgadora dos nomes ilustres e dos grandes eventos que têm edificado a história da humanidade, é possível obter uma definição linear, amiúde simplista, de «cruzada». Assim, por fenómeno cruzadístico entende-se geralmente uma expedição militar levada a cabo por factores religiosos, ou, ainda, um “qualquer tipo de campanha (armada ou pacífica, violenta ou silenciosa) empreendida por objectivos ou motivações ideológicas”<sup>1</sup>. Sendo frequentemente interpretada como sinónimo de «guerra santa» –*bellum sacrum*– e de «guerra justa» –*bellum justum*–, a sua designação actual, com a inerente associação a tais conceitos<sup>2</sup>, constitui, na verdade, o resultado de um longo e complexo processo de formulação do discurso eclesiástico sobre um recurso à força bélica em consonância com a mensagem cristã, idealmente pacífica<sup>3</sup>. Um processo que, caracterizado por alguns historiadores como uma “expresión prototípica del cambio de actitud eclesiástica respecto a la violencia”<sup>4</sup>, visava atribuir licitamente uma carga salvífica ao movimento cruzadístico. Um processo que iria, pois, confluír numa «eclesialização» da guerra santa, numa «santificação» ou «sacralização» da violência<sup>5</sup>.

Fundamentado na antiga, mas sólida, concepção agostiniana de guerra<sup>6</sup>, o célebre discurso que Urbano II (1088-1099) proferiu durante o concílio de Clermont, em Novembro de 1095, iria dar origem –e parece que de uma forma verdadeiramente inesperada até para o pró-

---

<sup>1</sup> “Cruzada”, *Lexicoteca. Moderna enciclopédia universal*, vol. 6, s.l., 1985, p. 150.

<sup>2</sup> Sugere-se a leitura de THOMAZ, L. F., “Cruzada”, *Dicionário de história religiosa de Portugal*, [2º vol.], dir. de C. M. Azevedo, Lisboa, 2001, pp. 31-38. A bibliografia sobre o tema é imensa, desde as clássicas obras de MORRISSON, C., *Les croisades*, Paris, 1969; e de RILEY-SMITH, J. S. C., *The First Crusade and the Idea of Crusading*, Londres, 1986; aos esclarecedores estudos de FLORI, J., *La guerre sainte. La formation de l'idée de croisade dans l'Occident chrétien*, Paris, 2001; e de GARCÍA FÍTZ, F., *Edad Media: Guerra e Ideología. Justificaciones religiosas y jurídicas*, Madrid, 2003.

<sup>3</sup> Segundo FLORI, J. (*Guerre sainte, jihad, croisade. Violence et religion dans le christianisme et l'islam*, [Paris], 2002, p. 9), tratou-se do “dramatique aboutissement d'une évolution millénaire”. Para um aprofundamento da temática, acrescentem-se às referências anteriores as reflexões de MONTEIRO, J. G., “Guerra. I. Época medieval”, *Dicionário de história religiosa de Portugal*, pp. 318-319. De entre as sinopses mais recentes, será proveitosa a consulta de CARDINI, F., “Guerre et croisade”, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, dir. de J. Le Goff e J.-C. Schmitt, [Paris], 1999, pp. 436-440; e de AYALA MARTÍNEZ, C. de, *Las Cruzadas*, Madrid, 2004, pp. 17-52. Ambas possuem suficientes remissões bibliográficas.

<sup>4</sup> GARCÍA-GUIJARRO, L., *Papado, cruzadas y órdenes militares, siglos XI-XIII*, Madrid, 1995, p. 14.

<sup>5</sup> Expressões de AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, p. 12, 27, 39.

<sup>6</sup> Sobre o contributo de Santo Agostinho de Hipona, e respectivo enquadramento, vejam-se FLORI, J., *Guerre sainte, jihad, croisade. Violence et religion dans le christianisme et l'islam*, pp. 43-47; e AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, pp. 23-29. Para um aprofundamento, será de grande proveito a leitura de CAHILL, L. S., “La tradición cristiana de la guerra justa: tensiones y evolución”, *Concilium*, vol. 290, Madrid, 2001, pp. 257-267.

prio papa – a um dos primeiros fenómenos de massa<sup>7</sup> de que há notícia na história europeia. De modo simbólico, as eufóricas exclamações *Deus vult! Deus vult!*, ouvidas em resposta ao repto então lançado<sup>8</sup>, iriam encetar uma das mais importantes etapas da evolução da civilização ocidental<sup>9</sup>. O apelo pontifício, considerado um golpe de génio<sup>10</sup>, destinava-se à *militia mundi* e pretendia garantir a concretização do programa de paz denominado «tréguas de Deus»<sup>11</sup>. Por forma a materializar esse projecto, o grande mentor da iniciativa aproveitara o pedido que recebera dos Bizantinos no sentido de auxiliar os cristãos do Oriente, entretanto subjugados pela «nódoa» dos infiéis<sup>12</sup>. Criando-se, então, a modalidade de peregrinação armada, os Ocidentais empreenderam uma viagem idealmente de penitência em prol da *liberationem orientalium ecclesiarum*, rapidamente traduzida na recuperação dos Lugares Santos, condensados na imagem do Santo Sepulcro, em Jerusalém<sup>13</sup>.

Em 1095, pois, o discípulo e sucessor das pretensões reformadoras de Gregório VII (1073-1085)<sup>14</sup> desencadeou um movimento de fé em que se misturaram generosidade, entusiasmo, exaltação, cupidez e violência. Uma combinação explosiva, engendrada pelos primeiros cristãos que iriam tomar a cruz com fervor, num gesto e num símbolo que deram origem ao termo posteriormente sinónimo de cruzada. De facto, *crucesignatus* passaria a ser o vocábulo latino utilizado para definir o cristão que tinha aderido a uma expedição armada com o propósito de lutar contra o inimigo da Igreja e defender, assim, a *christianitas*. Gradualmente, o movimento transformou-se e ganhou proporções inauditas, passando a exigir estruturas próprias e a gerar realidades específicas. Multiplicando-se as causas e os efeitos das cruzadas, bem

<sup>7</sup> Nas palavras de GUREVITCH, A. I., *As categorias da cultura medieval*, Lisboa, 1990, p. 40.

<sup>8</sup> Segundo o relato de um monge de Reims chamado Roberto, que assistira ao sermão de Urbano II (confira-se em COWDREY, H. E. J., “Christianity and the morality of warfare during the first century of crusading”, *The experience of crusading*, vol. I – *Western Approaches*, ed. de M. Bull e N. Housley, Cambridge, 2003, p. 183). Sobre esse testemunho, atente-se nas observações de COLE, P.J., *The Preaching of the Crusades to the Holy Land, 1095-1270*, Cambridge, 1991, pp. 13-16 –doravane citado como *The Preaching*–.

<sup>9</sup> Subscrevendo RUNCIMAN, S., *História das cruzadas*, vol. III, Lisboa, 1995, p. 373. É bastante extensa a bibliografia sobre os primeiros tempos do movimento cruzadístico. Veja-se, para começar, o manual de RILEY-SMITH, J. S. C., *The Crusades. A Short History*, Londres, 1987; bem como a obra colectiva *The Oxford Illustrated History of the Crusades*, ed. de J. S. C. Riley-Smith, Oxford, 1995.

<sup>10</sup> Por DEMURGER, A., *La croisade au Moyen Âge. Idée et pratiques*, Paris, 1998, p. 15, para cujo 1º capítulo se remete o leitor.

<sup>11</sup> Sobre essa matéria, leiam-se, por exemplo, GARCÍA-GUIJARRO, L., *op. cit.*, pp. 40-44; FLORI, J., *Guerre sainte, jihad, croisade. Violence et religion dans le christianisme et l’islam*, pp. 159-172; e COWDREY, H. E. J., “The Peace and the Truce of God in the Eleventh Century”, *Past and Present*, n.º 46, Oxford, 1970, pp. 42-67.

<sup>12</sup> Para a questão, COWDREY, H. E. J., “Pope Urban II’s Preaching of the first crusade”, *The Crusades. The essential readings*, ed. de T. F. Madden, Oxford, 2002, pp. 15-29 (originalmente publicado em *History*, n.º 55, Londres, 1970, pp. 177-188; e COLE, P.J., *The Preaching*, pp. 1-36.

<sup>13</sup> A esse propósito, sugere-se outro contributo de FLORI, J., “Jerusalém”, *Dictionnaire raisonné de l’Occident médiéval*, pp. 540-557.

<sup>14</sup> Não obstante o breve período de governação do papa Victor III (1086-1087). Veja-se, sobre o assunto, AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, pp. 42-44. Leia-se também o artigo de COWDREY, H. E. J., “Pope Gregory VII’s Crusading Plans of 1074”, *Outremer. Studies in the History of the Crusading Kingdom of Jerusalem Presented to Joshua Prawer*, ed. de B. Z. Kedar, H.-E. Mayer e R. C. Smail, Jerusalém, 1982, pp. 27-40.

como os seus objectivos, formou-se toda uma máquina de promoção e incentivo, de propaganda afinal. E porque as iniciativas expedicionárias eram habitualmente anunciadas pela palavra falada<sup>15</sup>, amiúde em registo homilético, a breve trecho verificou-se, então, o incremento e a valorização do papel da pregação como principal veículo de contacto e comunicação. Com a propagação da prática, assistiu-se a um aumento da produção sermonária.

É, por conseguinte, nesse panorama histórico que se insere a fonte documental impulsionadora do presente artigo, cuja primeira versão consistiu num trabalho universitário realizado no âmbito de um seminário do Curso de Mestrado em História da Idade Média, frequentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra<sup>16</sup>. De acordo com uma proposta do regente do seminário, que assentava na análise de alguns textos constantes de um conjunto de modelos de sermões redigidos essencialmente no século XIII, editados por Christoph T. Maier em 2000<sup>17</sup>, esse trabalho visava reflectir sobre a realidade subjacente à produção de tais manuscritos no contexto a que se destinavam ou de que eram fruto, a saber, a sermonária de cruzada. O autor entretanto eleito, de entre os cinco nomes que integram a citada edição inglesa, chama-se Humbert de Romans e viveu, conforme se indicará, ao longo de quase toda a centúria de Duzentos. A opção pelos textos do celebrado clérigo deveu-se ao teor dos próprios modelos apresentados. Porque o propósito do trabalho incidia numa perspectiva de história militar, privilegiaram-se os tópicos enunciados nos quatro modelos de sermões cruzadísticos, parte reduzida de uma vasta e prolífera obra literária do insigne Dominicano.

Para a consecução da análise histórica da fonte proposta, seria fundamental –tal como para qualquer tipo de fonte– proceder à reconstituição das respectivas condições de produção, necessariamente entendida como parte integrante de um enquadramento concreto. Questões que o seu editor muito bem apontou e esclareceu, como sejam a identificação do autor e a determinação do momento de redacção dos textos, para além da sua finalidade, das ideias implícitas, dos mecanismos expressivos patentes e das categorias de pensamento inerentes, mormente as utilizadas para atingir os objectivos que Humbert de Romans traçara<sup>18</sup>. Estando, assim, essa tarefa concretizada logo à partida, restava aproveitar os elementos fornecidos por Maier sobre a conjuntura da produção, factor explicativo da sua intencionalidade, para, numa sugestão metodológica de José Mattoso<sup>19</sup>, tentar discernir melhor o sempre intrincado mundo das representações mentais e dos sistemas de valores de que dependeram os textos literários e os seus consumidores imediatos, de modo a captar a realidade histórica subjacente.

<sup>15</sup> Sobre o seu papel crucial, vejam-se BATANY, J., “Écrit/Oral”, *Dictionnaire raisonné de l’Occident médiéval*, pp. 309-321; e BANNIARD, M. “La voix et l’écriture: émergences médiévales”, *Médiévales*, n.º 25, Paris, 1993, pp. 5-16.

<sup>16</sup> Seminário intitulado «Fontes e Metodologia da História Militar», regido pelo Professor Doutor João Gouveia Monteiro, no ano lectivo de 2002/2003.

<sup>17</sup> MAIER, C. T., *Crusade propaganda and ideology. Model sermons for the preaching of the Cross*, Cambridge, 2000 –doravante citado, como *Crusade*–.

<sup>18</sup> Nesse sentido, o estudo de C. T. MAIER deverá ser complementado com a sua obra anterior, *Preaching the Crusades. Mendicant friars and the Cross in the thirteenth century*, Cambridge, 1994.

<sup>19</sup> MATTOSO, J., “Investigação histórica e interpretação literária de textos medievais”, *Ler História*, n.º 11, Lisboa, 1987, pp. 8-11.

## OS SERMÕES DE CRUZADA

### 1. Humbert de Romans, o agente

Homem douto, considerado um beato, o autor dos textos que conformam a fonte deste estudo nasceu por volta de 1200<sup>20</sup>, em Romans, na diocese de Vienne, em França. Em 1215 era um dos muitos jovens estudantes da eminente Universidade de Paris, onde, por essa época, se viviam grandes agitações que, entre vários motivos, decorriam de um movimento de reforma pastoral<sup>21</sup>. Nove anos depois, mais concretamente a 30 de Novembro de 1224, ingressou na ordem religiosa fundada por São Domingos de Gusmão<sup>22</sup>, na qualidade de mestre em artes, já concluída, pois, a sua formação. Em 1226 iniciou uma actividade docente, como leitor de Teologia, numa escola conventual da Ordem, em Lyon, de cujo estabelecimento seria prior entre 1236<sup>23</sup> e 1239. Subjacente ao termo desse cargo deverá ter estado a sua ascensão, por volta de 1240<sup>24</sup>, ao estatuto de provincial romano dos Pregadores, lugar que ocuparia até 1242.

Em 1244, Humbert de Romans tornou-se o responsável pela província dominicana do norte de França<sup>25</sup>, função que desempenharia durante os dez anos seguintes, até ter sido eleito, a 31 de Maio de 1254, quinto mestre geral dos Dominicanos, na reunião do Capítulo Geral, ocorrida em Budapeste. No decurso do seu desempenho como chefe máximo da Ordem a que pertencia<sup>26</sup>, presidiu aos Capítulos de Milão (1255), Paris (1256), Florença (1257), Toulouse (1258), Valenciennes (1259), Estrasburgo (1260), Barcelona (1261), Bolonha (1262) e Londres (1263), que seria o derradeiro da lista<sup>27</sup>. Com efeito, durante esta última reunião, realizada a 30 de Maio, deu por terminado o exercício das suas funções, em contexto de aposentação<sup>28</sup> –era já um sexagenário–, tendo-se retirado depois para o convento de Valence<sup>29</sup>, nas

<sup>20</sup> Uma cronologia diferente para a sua data de nascimento –entre os anos de 1193 e 1194– pode ser colhida em BRETT, E. T., *Humbert of Romans: his life and views of thirteenth-century society*, Toronto, 1984, pp. 3-4 (que indicou outros autores com a mesma opinião); e em OTT, M., “Humbert of Romans”, *Catholic Encyclopedia*, vol. II, [reed.], dir. de K. Knight, 2003 (edição *online*, em [www.newadvent.org/cathen](http://www.newadvent.org/cathen)).

<sup>21</sup> Leia-se o 2º capítulo de BRETT, E. T., *op. cit.*, pp. 12-40.

<sup>22</sup> Para um enquadramento histórico sumário da Ordem dos Pregadores e, em particular, do seu fundador, veja-se o manual de PACAUT, M., “A Idade Média até final do século XIII”, *A Europa, das origens ao começo do século XIV. História Geral da Europa*, 1º vol., dir. de G. Livet e R. Mousnier, Mem-Martins, [1986], pp. 476-478.

<sup>23</sup> BRETT, E. T. (*op. cit.*, p. 6), e MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 11), registaram a data de 1237.

<sup>24</sup> WALZ, A. (“Umberto di Romans”, *Enciclopedia Cattolica*, vol. XII, Florença, [1954], col. 737), apresentou a data de 1238, recuando, assim, dois anos para o início dessas funções. Sobre a questão da datação, veja-se BRETT, E. T., *op. cit.*, p. 9.

<sup>25</sup> De todos os autores consultados, somente IDEM (*ibidem*, p. 9) omitiu a referência geográfica do norte.

<sup>26</sup> Durante nove frutíferos anos, segundo IDEM, *ibidem*, p. 9.

<sup>27</sup> As cartas que, na qualidade de mestre geral da Ordem, o ilustre Dominicano endereçou aos confrades, masculinos e femininos, no contexto de cada um dos Capítulos Gerais a que presidiu, foram reeditadas e comentadas em ROMANS, H. de, *Lettere ai fratri e alle suore dai capitoli generali*, tradução e notas de P. Vanzan, [Roma], s.d., pp. 101-159 (infelizmente, não tive acesso aos textos introdutórios desta publicação).

<sup>28</sup> BRETT, E. T. (*op. cit.*, p. 9), e OTT, M. (*art. cit.*), referiram uma resignação voluntária do cargo. COLE, P.J. (*The Preaching*, p. 202, n. 87), registou que se deven a problemas con a saúde.

<sup>29</sup> BRETT, E. T. (*op. cit.*, pp. 9-10), e MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 12) mencionaram o convento de Lyon como destino de Humbert de Romans nessa fase da sua vida.

proximidades da sua terra natal, onde passaria o resto dos seus dias, consagrando-os à piedade e a uma intensa actividade espiritual e literária. Aí faleceu a 14 de Julho de 1277<sup>30</sup>.

Segundo parece, a humildade deste notável Dominicano levou-o a recusar o patriarcado de Jerusalém, posto que lhe teria sido oferecido na sequência do termo do importante cargo de mestre geral<sup>31</sup>. Ficando particularmente conhecido pelas suas grandes qualidades de governação e pelos seus excelentes dotes de chefia<sup>32</sup>, Humbert de Romans deixou uma vasta e prolífica produção escrita<sup>33</sup>. Redigiu comentários à Regra de Santo Agostinho<sup>34</sup>; deu uma forma definitiva ao texto das constituições dos Frades Pregadores<sup>35</sup>; reformou e unificou a liturgia dominicana –após varias tentativas frustradas dos seus antecessores–<sup>36</sup>, que receberia, então, a sua estrutura permanente, sendo compilada no monumental *Ecclesiasticum officium*, elaborado durante a estadia do autor em Paris, entre 1254 e 1261<sup>37</sup>. Escreveu também vários tratados ascéticos e diversos textos sobre a vida religiosa.

De entre toda essa produção, destacam-se as obras teóricas de pregação, graças às quais ascenderia à categoria de maior homilista do século XIII<sup>38</sup>. Digno de menção constitui o *De predicatione crucis*, um manual de instruções para os pregadores de cruzada, coligido pelos finais dos anos 1260<sup>39</sup>. Igualmente importantes se revelariam quer o seu *De eruditione predicatorum*, um volumoso tratado para uso dos companheiros pregadores, composto na última década de vida –isto é, entre 1266 e 1277<sup>40</sup>–, quer o seu *Opus tripartitum*, consistindo numa memória da reunião celebrada no II Concílio de Lyon, ocorrido em 1274<sup>41</sup>. Nesse manuscrito, parcialmente dedicado ao tema da recuperação da Terra Santa, o Dominicano registou as suas

<sup>30</sup> À excepção dos restantes estudos consultados, OTT, M. (*art. cit.*), indicou uma data de falecimento diferente, a de 15 de Janeiro de 1274.

<sup>31</sup> Informação prestada somente por IDEM, *ibidem*. BRETT, E. T. (*op. cit.*, p. 10), referiu apenas a oferta do cargo.

<sup>32</sup> Leia-se, sobretudo, o 6º capítulo de IDEM, *ibidem*, pp. 103-113.

<sup>33</sup> Sobre a produção literária de Humbert de Romans, vejam-se os diversos estudos citados ao longo deste artigo, em especial de E. T. BRETT e de C. T. MAIER. Atente-se, ainda, nas referências e remissões bibliográficas aí anotadas, com maior ou menor actualidade e profundidade.

<sup>34</sup> Na *Expositio regulae [Beati Augustini]*. Mais informações em BRETT, E. T., *op. cit.*, pp. 117-133.

<sup>35</sup> Nas *Instructiones de officiis ordinis*. Leia-se IDEM, *ibidem*, pp. 134-150.

<sup>36</sup> Veja-se IDEM, *ibidem*, pp. 3-9 e 80-102.

<sup>37</sup> Indicação de WALZ, A. (*art. cit.*, col. 737), que acrescentou conter essa obra 500 fólhos de pergaminho e conservar-se, desde 1841, na cúria da Ordem de São Domingos, em Roma. O exemplar consta de 14 livros litúrgicos, enumerados no frontispício.

<sup>38</sup> De acordo com IDEM, *ibidem*, col. 737.

<sup>39</sup> Mais concretamente, entre 1266 e 1268, segundo BRETT, E. T., *op. cit.*, p. 167 (ao qual dedicou o 10º capítulo); e MAIER, C. T., *Preaching the Crusades. Mendicant friars and the Cross in the thirteenth century*, pp. 111-122. Na opinião de COLE, P. J. (“Humbert of Romans and the Crusade”, *The experience of crusading*, vol. I – *Western Approaches*, p. 157), o tratado –que considera precioso para a historiografia da cruzada medieval– terá sido escrito por volta de 1266.

<sup>40</sup> Descrito por LONGÈRE, J., *La prédication médiévale*, Paris, 1983, p. 199; e analisado por BRETT, E. T., *op. cit.*, pp. 151-166.

<sup>41</sup> Mais informações em IDEM, *ibidem*, pp. 176-194.



propostas para a cristandade e as suas reflexões sobre os sarracenos, além de se pronunciar sobre a união e a reforma eclesiástica<sup>42</sup>. Parece que, mesmo sendo clérigo, não poupou críticas severas aos erros dos seus confrades e, até, da própria instituição que integrara<sup>43</sup>.

## 2. Pregação, o meio

No período em que Humbert de Romans foi estudante em Paris, o ambiente da Universidade fervilhava com o importante movimento de reforma pastoral então vivido<sup>44</sup>. Recuando as suas origens ao princípio do século XIII, esse movimento propugnava uma reforma da vida religiosa dos laicos, que até então pouco contacto tinham com o universo clerical. Para tanto, pretendiam os seus mentores facilitar o acesso da palavra de Deus –*verbum Dei*, o paradigma de toda e cada palavra– à generalidade da população e, com isso, difundir entre as restantes escolas, e a própria sociedade, os conhecimentos de teologia moral que aprendiam em ambiente académico. Na verdade, esses conhecimentos diziam respeito a qualquer grupo social, dos mais variados quadrantes, visto abordarem problemáticas que, em maior ou menor escala, a todos interessavam, desde as instruções religiosas mais elementares do foro canónico, relacionadas, por exemplo, com o casamento, até ao exercício da justiça, da governação e da guerra.

Com vista à consecução dos seus objectivos, que exigiam uma correcta divulgação e explanação de todas as questões pertinentes, os promotores do movimento consideravam crucial a devida formação dos membros do clero que, naturalmente, na qualidade de «guardiães da ortodoxia»<sup>45</sup>, tinham a responsabilidade da sua difusão. Conscientes –ou talvez não– de que a situação real não correspondia à desejada –e teoricamente existente–, os reformadores confrontaram-se, assim, com a necessidade de, numa fase inicial, conjugarem esforços para a melhoria dos padrões morais e educacionais dos seus intermediários, investindo, desse modo, no ensino teológico e doutrinal, bem como no trabalho pastoral. Para isso, escreveram textos didácticos, aperfeiçoaram técnicas de comunicação, diversificaram instrumentos de pregação. Afinal, vivia-se numa sociedade em que a «voz» predominava sobre a «letra»<sup>46</sup>.

Foi, por conseguinte, nesse contexto que as reformas de pregação –apenas uma vertente das muitas alterações encetadas pelos promotores do movimento–<sup>47</sup> contribuíram para o

<sup>42</sup> De acordo com MAIER, C. T., *Crusade*, p. 12. Leia-se o que, sobre essa obra, escreveu PACAUT, M., *op. cit.*, p. 499.

<sup>43</sup> Confira-se em “Humbert de Romans”, *Dictionnaire d’histoire et de géographie ecclésiastiques*, t. 25, [2ª ed.], dir. de R. Aubert, Paris, 1995, col. 358. BRETT, E. T. (*op. cit.*, pp. 3-5), também teceu algumas considerações a esse respeito.

<sup>44</sup> Sobre o contributo da escolástica e do sermão universitário na pregação, veja-se BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *Artes Praedicandi, Artes Orandi*, Turnhout, 1992, pp. 29-36.

<sup>45</sup> Parafraseando MAIER, C. T., *Crusade*, p. 5.

<sup>46</sup> Subscrevendo uma afirmação de Paul Zumthor, citado por BATANY, J., *op. cit.*, p. 317. A propósito do impacto da palavra na vida social durante o período medieval, sugere-se a leitura de BÉRIOU, N., “La parole du prédicateur, object d’histoire”, em DESSÌ, R. M., e LAUWERS, M. (Coord.), *La parole du prédicateur. V<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle*, Nice, 1997, pp. 479-488.

<sup>47</sup> Sobre tema tão vasto, que transcende o propósito deste artigo, remete-se o leitor interessado para POLO DE BEAULIEU, M.-A., “Prédication”, *Dictionnaire raisonné de l’Occident médiéval*, pp. 906-916, onde pode recolher também alguma bibliografia.



incremento da produção sermônaria, cuja prática propiciava um importante veículo de contacto, e de instrução, entre os leigos e o clero. No sentido da aplicação dessas reformas, assistiu-se ao aparecimento de um número considerável de pregadores para difundir a palavra divina nas incontáveis igrejas espalhadas pelos diversos bispados de cada diocese da cristandade. As ordens eram superiores, decretadas em sínodos diocesanos e exigidas em concílios papais. Para a formação e o treino de tantos pregadores teria, pois, de haver uma correspondente quantidade de manuais e demais auxiliares do ofício<sup>48</sup>. A multiplicação da produção desses instrumentos de trabalho no século XIII<sup>49</sup> chegaria, mesmo, a dar origem a tipologias próprias, como os manuais de teologia –compreendendo as *distinctiones*<sup>50</sup>, os *florilegia*<sup>51</sup> e as *summae* (por sua vez, com diferentes géneros)<sup>52</sup>–, os tratados de pregação –*artes praedicandi*<sup>53</sup>, os *exempla*<sup>54</sup> e as colecções de modelos de sermões<sup>55</sup>.

Com uma formação universitária processada nesse enriquecedor ambiente de mudança, pautado, pois, por uma florescente criação literária<sup>56</sup>, Humbert de Romans tornou-se, à semelhança de muitas outras figuras ilustres –e, na sua maioria, pregadores–, um elemento relevante no quadro do movimento reformador. E, tal como muitos desses personagens, cujo grupo também teria integrado, revelou-se um prolífico escritor de instrumentos de pregação, de que se destacaria, precisamente, a sermônaria. Os seus textos –alguns dos quais já citados–, como todos os outros então redigidos, facultavam inspiração e material para o grande número de sermões que os pregadores tinham de proferir durante um recheado calendário litúrgi-

<sup>48</sup> Para a formação dos pregadores, em especial nos séculos XIII-XV, consulte-se, por exemplo, LONGÈRE, J., *op. cit.*, pp. 95-98 (sobretudo). Vejam-se as observações de COLE, P.J., *The Preaching*, pp. IX-XII, sobre o contributo da documentação pontifícia para as informações utilizadas pelos pregadores.

<sup>49</sup> MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 6), chegou a afirmar tratar-se de uma produção sistemática e uma disseminação de instrumentos de pregação. Para mais informações sobre os instrumentos de trabalho dos pregadores, vejam-se LONGÈRE, J., *op. cit.*, pp. 177-202; BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, que afirmariam existir então um “market hungry for preaching manuals” (p. 48); e MAIER, C. T., *Preaching the Crusades. Mendicant friars and the Cross in the thirteenth century*, pp. 111-122.

<sup>50</sup> Sobre esse tipo de instrumento e os seus representantes mais destacados, considerações em LONGÈRE, J., *op. cit.*, pp. 189-192.

<sup>51</sup> Algumas observações dedicadas aos florilégios, um dos muitos recursos ao alcance dos pregadores, em BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, pp. 64-66. Ainda, LONGÈRE, J., *op. cit.*, p. 194.

<sup>52</sup> Veja-se, por exemplo, BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, pp. 19-20.

<sup>53</sup> Para a definição do género, apresenta-se de grande utilidade a consulta do 1º capítulo de IDEM, *ibidem*, pp. 17-26. Sugere-se, também, sobre os autores mais representativos do género –onde consta Humbert de Romans–, a leitura de LONGÈRE, J., *op. cit.*, pp. 195-202.

<sup>54</sup> Vejam-se BREMOND, C., LE GOFF, J., e SCHMITT, J.-C., *L'Exemplum*, Turnhout, 1982; *Les exempla médiévaux. Introduction à la recherche suivie des tables critiques de l'Index exemplorum de F. C. Tubach*, dir. de J. Berlioz e M.-A. Polo de Beaulieu, Carcassonne, 1992; e *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*, dir. de J. Berlioz e M.-A. Polo de Beaulieu, Paris, 1998.

<sup>55</sup> *The sermon*, dir. de B. M. Kienzle, Turnhout, 2000.

<sup>56</sup> Na verdade, Humbert de Romans beneficiou de várias conjunturas favoráveis, concorrendo, ao que parece, para o sucesso da sua vida e da sua obra. Segundo WALZ, A. (*art. cit.*, col. 737), o período em que o Dominicano dirigiu a Ordem dos Pregadores traduziu-se na época “della più bella fioritura di predicazione, missioni estere, insegnamento conventuale e universitario, inquisizione”.

co. Em virtude da sua premência, as colecções de modelos sermonários que iam sendo elaboradas converteram-se num dos mais úteis e populares instrumentos de trabalho dos clérigos, vindo a ser alvo de uma ampla difusão. Na opinião de Christoph T. Maier, essas colecções de textos modelares deviam ter constituído o alicerce do ofício de muitos pregadores nos finais da Idade Média<sup>57</sup>.

### 3. Modelos de sermões, a fonte

A elaboração das amplamente difundidas compilações de modelos sermonários era, de um modo geral, ditada por critérios práticos ou técnicos, como diríamos actualmente. Quer dizer, por forma a cumprir a sua função de instrumento de trabalho, os seus organizadores, porventura os utilizadores, seguiam uma disposição consonante com o calendário religioso ou o ano litúrgico. Também por esse motivo, era grande a diversidade de modelos de géneros sermonários que integravam as úteis colecções<sup>58</sup>. Constavam esses géneros de três –entre várias– categorias em que a produção seria classificada: os *sermones de tempore* ou *dominicales*, os *sermones de sanctis* e os *sermones de communi sanctorum*<sup>59</sup>.

Havia, no entanto, um tipo de colecção de modelos de sermões cujos textos não privilegiavam essa sequência, isto é, não estavam ordenados, nem pela temática litúrgica, nem pelo calendário da Igreja. Apesar da diferença, essas colecções sistemáticas de modelos dirigidos a diversos grupos sociais consistiam num produto típico do movimento de reforma pastoral, porquanto reflectiam a preocupação dos reformadores em moldar a teologia moral aos variados tipos de pessoas e a todos os aspectos do comportamento humano<sup>60</sup>. Segundo C. T. Maier, essas compilações, por sinal escassas –seja pela sua produção, homogénea na temática, seja por terem sobrevivido poucos exemplares ou não se conhecerem mais–, ora reuniam textos memoráveis de determinados pregadores, ora coligiam modelos sermonários designados de *ad status*, caracterizados por possuírem um teor dirigido a sectores sociais específicos<sup>61</sup>. O género *ad status*, igualmente conhecido por *sermones vulgares*, constituiria uma quarta categoria dos tipos clássicos da produção sermonária.

Era precisamente neste formato de colectânea que, por norma, se integrava aquele género de modelo de sermão que mais interessa a este estudo, a saber, os sermões *ad crucesignatos* ou *predicatione crucis*, existentes em número assaz reduzido quando comparados com as restantes tipologias, conforme registou Maier<sup>62</sup>. Para além de se tratar de um texto modelar

<sup>57</sup> Confira-se em MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 6-7.

<sup>58</sup> Por se tratar de outro tópico marginal ao tema central deste artigo, remete-se o leitor para a classificação de sermões vigente no período abordado, apresentada no 3º capítulo de LONGERE, J., *op. cit.*, pp. 139-154.

<sup>59</sup> Em MAIER, C. T., *Crusade*, p. 6 e 9.

<sup>60</sup> Parafrazeando IDEM, *ibidem*, p. 7.

<sup>61</sup> “All in all, there are only a handful of medieval *ad status* sermon collections” (IDEM, *ibidem*, p. 4). Para uma explicação dessa escassez, Maier avançou com a condicionante da temática, argumentando que as colecções de textos modelares não teriam, na prática, tanta utilidade para a maioria dos pregadores, cujas homilias se dirigiam habitualmente a comunidades mistas (ver p. 7).

<sup>62</sup> IDEM, *ibidem*, p. 7.

que abordava um assunto concreto, na medida em que podia igualmente contemplar apenas uma camada populacional específica ou mais circunscrita, parece que a sua inclusão nesse tipo de códice residiu no facto de, em geral, não conter referências a datas exactas. Isto porque, e ainda segundo o mesmo historiador, os sermões de índole cruzadística podiam ser solicitados em qualquer altura do ano, pelo que o pregador tinha de estar sempre preparado<sup>63</sup>.

Essa pronta disponibilidade, por parte do clérigo, para discorrer publicamente, e com eficácia, sobre o feito e o móbil de uma cruzada acabaria, por outro lado, por contribuir para caracterizar o teor e a forma dos diversificados e –como se pode imaginar– úteis textos. Na verdade, tais manuscritos respeitavam preceitos e estruturas formais que possibilitavam aos pregadores, com maior ou menor experiência, elaborar o seu discurso consoante a abordagem requerida no âmbito da temática cruzadística. Por se tratarem de esquematizações de sermões, eles forneciam, assim, uma espécie de esquema facilmente adaptável às necessidades de cada utilizador<sup>64</sup>. Desse modo, e à semelhança de quase todos os modelos de sermões, esses textos eram escritos essencialmente com uma intenção didáctica<sup>65</sup>.

As primeiras colecções de que há notícia com modelos de sermões do género *ad status* estão datadas de finais do século XII. Os seus autores, Honório de Autun e Alain de Lille<sup>66</sup>, provinham de um mesmo meio cultural e intelectual, com o eixo gravitacional na Universidade de Paris. Todavia, as suas compilações não conteriam qualquer exemplar de textos sermonários dedicados à cruzada. Desse modo, os modelos de sermões *ad status* mais antigos que se conhecem contemplando essa temática pertencem já à centúria seguinte e estão integrados numa ampla colectânea do célebre Jacques de Vitry (†1240)<sup>67</sup>, exclusivamente composta por textos de natureza didáctica<sup>68</sup>. A sua elaboração visara, assim, proporcionar um auxiliar para a arte da pregação, facultando aos interessados modelos de sermões dirigidos a variadas categorias de ouvintes.

Depois da pioneira iniciativa de Vitry, outras duas grandes compilações *ad status* ganhavam especial importância ainda durante a vida dos respectivos autores, já na ocasião figuras

<sup>63</sup> Um facto que poderá, de igual modo, explicar as características bastante específicas desses textos modelares, descritas por IDEM, *ibidem*, p. 4.

<sup>64</sup> Sobre os métodos seguidos na redacção dos textos modelares com vista à elaboração de sermões, não apenas de temática cruzadística, leia-se o 3º capítulo de IDEM, *ibidem*, pp. 32-50. Também, BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, pp. 54-58.

<sup>65</sup> “These sermon models do not transport the immediacy of the spoken word nor do they communicate the rhetorical elaboration and the dramatic quality of ‘live’ preaching. These texts are rather the sober products of scholarly work aimed at giving an idea about the themes and arguments that might be employed in the preaching of the cross” (MAIER, C. T., *Crusade*, p. 31).

<sup>66</sup> Sobre o contributo de Alain de Lille –autor do primeiro manual completo de pregação, a *Summa de arte praedicatoria*– para a sermonária medieval, veja-se BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, pp. 18-25.

<sup>67</sup> Um homem que sabia muito de cruzadas, conforme recordou AYALA MARTÍNEZ., C. de, *op. cit.*, p. 49. Efectivamente, Vitry, cardeal da cúria romana nos últimos anos de vida, fora bispo de S. João de Acre e participara de forma activa na Quinta Cruzada.

<sup>68</sup> Segundo MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 9), “the first full-scale *ad status* collection”.

eclesiásticas proeminentes. Foram eles Gilbert de Tournai (†c. 1284) –um franciscano de Paris que se notabilizou pelas suas obras de temática muito diversificada– e o protagonista deste artigo, Humbert de Romans –por sua vez dominicano–, em cujas produções sermonárias incluíam também vários manuscritos dedicados ao tema da cruzada. Ambos os clérigos pertenciam às duas ordens que mais se destacariam no renovador movimento de pregação vivido em Duzentos, na sequência do forte impacto e, por isso, do inevitável êxito da reforma pastoral então empreendida<sup>69</sup>. Com efeito, desde as suas origens que os Mendicantes tinham assumido como postulado essencial o contacto directo com as populações, preocupando-se em transmitir-lhes a palavra divina e, ao mesmo tempo, cuidando da sua instrução e, por extensão, do seu espírito<sup>70</sup>. Objectivos, pois, concordantes com os ideais reformadores.

Igualmente em sintonia com o programa de reforma, os Mendicantes educaram e treinaram profissionais da palavra falada, assim como produziram instrumentos de trabalho com a palavra escrita<sup>71</sup>. Humbert de Romans, entre muitos outros mendicantes, foi partícipe desse programa, contribuindo com a redacção de modelos de sermões que se destinavam a instruir os respectivos confrades. Circulando os representantes das duas vertentes do processo renovador pela Universidade de Paris, depressa se estabeleceriam contactos e depressa se misturariam, e confundiriam, métodos e iniciativas. A vasta rede conventual e escolar que as ordens mendicantes rapidamente implantaram por toda a Europa permitiu, pois, a construção de uma sólida estrutura que, com o recurso ao sermão, divulgou e expandiu com eficácia a mensagem reformadora. Por esse motivo, a pregação, já antes considerada um importante meio de comunicação, converteu-se num poderoso instrumento de persuasão, de formação das ideias e da opinião pública<sup>72</sup>, como diríamos hoje. Nesse sentido, o papel do sermão e do seu transmissor ganharia outra dimensão, conferindo ao pregador, sobretudo ao mais competente, prestígio e poder<sup>73</sup>.

Conscientes do potencial que a *ordo praedicatorum* encerrava, as máximas autoridades eclesiásticas não tardaram a utilizá-la em seu benefício. Recorrendo, então, aos bem sucedidos

---

<sup>69</sup> Veja-se IDEM, *Preaching the Crusades. Mendicant friars and the Cross in the thirteenth century*, pp. 8-31.

<sup>70</sup> De entre a imensa bibliografia que aborda a temática mendicante, sugere-se PACAUT, M., *op. cit.*, pp. 476-481.

<sup>71</sup> Em virtude do perigo de se atribuir aos Mendicantes a criação de uma arte da pregação, como já aconteceu com certos autores, LONGÈRE, J. (*op. cit.*, p. 93), advertiu para o facto de ter existido um interesse e uma dedicação à técnica homilética ainda antes do século XIII. Assim, “leur originalité n’est pas dans la découverte d’une pastorale mais dans son intensification, un souci d’extension à l’Église universelle, l’obligation faite à leurs sujets de s’y consacrer”.

<sup>72</sup> Para MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 51), deve ter sido enorme o impacto dos sermões de cruzada sobre a forma como o público percebia o movimento e a sua manifestação real, sobretudo se se atender que, em teoria, a grande maioria dos habitantes da Europa teve oportunidade de ouvir diversas homilias de incitamento à cruzada durante a sua vida.

<sup>73</sup> Sobre o estatuto que a palavra do *praedicator* adquiriu, bem como o papel que os sermões passaram a desempenhar, leia-se DESSÌ, R. M., e LAUWERS, M. (Coord.), *op. cit.*, pp. 9-19.

Mendicantes, procuraram, do mesmo modo, espalhar devidamente as suas mensagens e concretizar eficazmente os seus planos, como a organização e a realização de cruzadas. Por extensão, também a sensibilização e a adesão dos fiéis a tais iniciativas. Dessa forma, tanto os Franciscanos como os Dominicanos ficariam intimamente ligados ao fenómeno cruzadístico, numa inestimável colaboração que, na opinião de Christoph T. Maier, proporcionaria ao papado a criação de uma poderosa máquina de propaganda e que se revelaria imprescindível no início do século XIII, em virtude da crescente evolução e transformação do movimento expedicionário da luta contra o Infiel<sup>74</sup>. Uma peça fulcral dessa máquina radicou na série de pregadores e escritores mendicantes como Humbert de Romans, autor também de importantes modelos sermonários dedicados à cruzada, como os que compreendem a fonte deste artigo. Na realidade, mediante os exemplares que sobreviveram, é possível considerá-lo um dos mais importantes nomes da pregação com fins cruzadísticos. A sua colecção de modelos de sermões tornar-se-ia uma das mais populares na sua época e nas subsequentes centúrias medievais<sup>75</sup>.

#### **4. Cruzada, o objectivo**

Uma das utilidades da prática sermonária passava, pois, pela divulgação e transmissão de notícias e acontecimentos julgados pertinentes ou de suficiente importância para constituírem objecto de um discurso devidamente preparado e com funções bem definidas. Numa época em que, conforme se mencionou, o registo oral prevalecia em muitas manifestações do quotidiano, compreende-se que grandes eventos, como o anúncio de uma cruzada, chegassem ao conhecimento das populações sobremaneira por meio do sermão que determinado clérigo estava incumbido de pregar. Na verdade, só com o recurso à pregação poderia a Igreja conseguir reunir os numerosos contingentes de homens dispostos a participar em louvável, mas arriscado, empreendimento.

No entanto, esses sermões de temática cruzadística não eram pregados apenas na altura em que se anunciava uma próxima expedição, visando essencialmente o recrutamento de homens para os exércitos e a angariação de fundos para as despesas. Eles podiam marcar o começo da iniciativa, com a partida desses homens. Ou podiam, já com os cruzados em campanha, propiciar uma forma de estimular um bom empenhamento dos participantes, amiúde na véspera dos confrontos armados. Para os que não partiam, estavam reservados sermões de apoio moral aos soldados da fé, em geral complementando as procissões e as orações que se levavam a cabo com esse fim. Por isso os pregadores tinham de estar preparados para as numerosas solicitações, em qualquer altura do ano. Por isso, também, os pregadores necessitavam de manuais com abundante variedade de modelos de sermões que lhes permitissem a devida disponibilidade e prontidão<sup>76</sup>.

<sup>74</sup> Aspectos desenvolvidos por MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 3-16. Veja-se ainda COLE, P.J., *The Preaching*, pp. 80-141.

<sup>75</sup> Assim o afirmou MAIER, C.T. (*Crusade*, p. 4), que contabilizou quase vinte cópias manuscritas dos textos de Humbert de Romans (ver pp. 13-14).

<sup>76</sup> Segundo IDEM (*ibidem*, p. 3), terá havido uma grande quantidade e diversidade de tipos de sermões de cruzada para todas essas diferentes situações, em especial durante a Baixa Idade Média.

Infelizmente, desconhece-se o teor da generalidade dos sermões de cruzada efectivamente pregados, uma vez que não chegou até nós um único registo fidedigno de qualquer um dos milhares de discursos proferidos em contexto cruzadístico e com carácter homiliético. Há somente resquícios –na maior parte das vezes indícios– desses discursos nos manuscritos de textos modelares que sobreviveram. Dos poucos exemplares de que se tem notícia, quase todos se conservam em colecções de sermões de diversa natureza, não constituindo um volume autónomo. Porque esses textos modelares tinham uma função eminentemente didáctica, não podem ser entendidos como registos de sermões pregados. Em todo o caso, Christoph T. Maier, fundamentando-se nos escassos testemunhos, aventou a pertinente conjectura de, ao redigirem os seus modelos, os autores poderem ter-se inspirado nos sermões de cruzada que eles próprios discursaram, ordenando depois a estrutura do material que compunham da maneira que lhes parecesse mais acessível para uso de outros pregadores<sup>77</sup>.

E embora seja praticamente impossível provar o real alcance dos modelos de sermões de cruzada, no sentido de se saber se eram muito lidos e utilizados, certo é que os instrumentos de pregação como esses modelos devem ter desempenhado um papel expressivo na elaboração de uma abordagem comum da propaganda cruzadística entre os pregadores da cruz<sup>78</sup>. Antes de convencerem os futuros ouvintes, as palavras, as frases e as ideias transmitidas teriam de começar por incitar o pregador. A esse título, revela-se particularmente significativo o testemunho de Humbert de Romans, que, no seu *De eruditione predicatorum*, chegaria a afirmar que o próprio pregador devia dar o exemplo para conseguir persuadir uma audiência à verdadeira fé e a uma melhor conduta<sup>79</sup>. Não obstante, pois, a dificuldade implícita no emprego dos modelos de sermões de cruzada enquanto fontes históricas, eles teriam necessariamente de reflectir, com maior ou menor incidência, a realidade que –causa ou efeito– era indissociável da produção sermonária, tanto ao nível da prática literária como na esfera das representações mentais dos respectivos autores.

Uma realidade que, em pleno século XIII –o período da vida de Humbert de Romans–, apresentava-se bem definida. Em fase avançada do movimento cruzadístico, os ideais, os interesses e as motivações originais tinham já extravasado o universo histórico e geográfico da Terra Santa, ponto de partida da Primeira Cruzada, no ocaso do século XI. Há muito que se transformara o quadro político, bem como o económico e, inclusive, o social. Inevitavelmente, também o quadro mental<sup>80</sup>. O crescimento do fenómeno de cruzada implicara uma transposi-

<sup>77</sup> Veja-se IDEM, *ibidem*, p. 16. Em diferentes partes do seu livro, o autor referiu-se a essas questões relacionadas com –entre outros aspectos– as dificuldades, a vários níveis, existentes no estudo dos sermões de cruzada e dos modelos de sermões de cruzadas, não exclusivos deste tipo mas tão ou mais importantes para a obtenção de bons resultados (ver pp. 13-16). O 2º capítulo foi inteiramente dedicado à relação entre a pregação efectiva da cruzada e os modelos de sermões constantes nas colecções *ad status* (ver pp. 17-31), para onde se remete o leitor, por se tratar de assunto que se afigura alheio ao tema central deste artigo.

<sup>78</sup> Na linha de IDEM, *ibidem*, p. 14.

<sup>79</sup> Citado por BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, p. 25.

<sup>80</sup> Veja-se o que, sobre a «reconversão do conceito pontifício de cruzada», escreveu AYALA MARTÍNEZ, C. de (*op. cit.*, pp. 45-49), para quem a cruzada, com a relativização do seu carácter absoluto enquanto campanha única e definitiva, “se reinstaló en la historia, se aplicó a realidades espaciales desvinculadas de Jerusalén, se acomodó al realismo jurídicista de los cánones y, sobre todo, redefinió sus planteamientos” (p. 45).

ção para novos teatros de guerra, na expressão de C. T. Maier<sup>81</sup>, declarada então a qualquer grupo populacional que se pronunciasse contra o dogma cristão, visto pelo papado como seu inimigo político. Pouco tempo após a pioneira iniciativa de Urbano II –o arquétipo idealizado de todas as outras cruzadas–<sup>82</sup>, começaram a ganhar corpo diferentes modalidades da ideologia cruzadística, derivando numa cisão de manifestações bélicas entre as expedições de caráter místico, que se manteriam no decurso de Duzentos, e a reiteração de empreendimentos de carga eminentemente política.

Subscrevendo a asserção de Luís F. Thomaz, o papado tinha descoberto na cruzada uma excelente arma a manejar contra os seus adversários de qualquer espécie<sup>83</sup>. De igual modo, o braço secular contribuiria, desde meados do século XII, para a instrumentalização da cruzada, adaptando-a aos interesses da monarquia. As consequências da ampliação do espírito cruzado e da sua aplicação para travar e anular qualquer forma de rebeldia contra o poder e a autoridade instituídos foram sentidas na pele por todos aqueles que, na qualidade de dissidentes religiosos, eram indistintamente considerados inimigos a abater. Assim aconteceu com a denominada heresia cátara, cujos adeptos seriam alvo de uma autêntica campanha exterminadora –a «empresa de fé e de paz»<sup>84</sup>–, ocorrida nas primeiras décadas de Duzentos<sup>85</sup>. Assim aconteceu, também, com os Muçulmanos da Península Ibérica e de África, que –a par das perseguições continuadas nos Lugares Santos– manteriam, a «primazia na contra-imagem do cruzadismo»<sup>86</sup>. Assim aconteceu, ainda, com os Mongóis e todos os povos não cristãos do Báltico e dos Balcãs –os «pagãos eslavos»–, da Itália e da Alemanha. E com os cristãos ortodoxos da Grécia, rotulados de «cismáticos». Na sua manifestação máxima, com a destituição dos Hohenstaufen e o aniquilamento dos seus apoiantes na Itália meridional e na Alemanha<sup>87</sup>.

## AS ESTRATÉGIAS DE INCITAMENTO

Os quatro modelos de sermões de cruzada da autoria de Humbert de Romans –a fonte de trabalho do presente artigo– pertencem, tal como a maior parte dos textos dessa natureza, ao género *ad status*. Além disso, pela estrutura bastante esquemática que apresentam, estão

<sup>81</sup> Confira-se em MAIER, C. T., *Crusade*, p. 8.

<sup>82</sup> Parafraseando AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, p. 13. Para uma visão de conjunto, leia-se o 3º capítulo da mesma obra (pp. 87-136). E, ainda, GARCÍA-GUIJARRO, L., *op. cit.*, pp. 47-62.

<sup>83</sup> THOMAZ, L. F., *op. cit.*, p. 34. Por exemplo, no IV Concílio de Latrão, realizado em 1179, determinou-se que era infiel todo aquele que rejeitasse a primazia papal no plano espiritual ou temporal (confira-se em GARCÍA-GUIJARRO, L., *op. cit.*, p. 246).

<sup>84</sup> Usando a expressão empregue pelo próprio papa Inocêncio III, promotor da ofensiva contra os Albigenses (confira-se em PACAUT, M., *op. cit.*, p. 457).

<sup>85</sup> Para uma visão geral da temática, e pertinente introdução ao seu estudo, veja-se LE GOFF, J., “Albigeois (Croisade contre les)”, *Encyclopaedia Universalis*, vol. I, Paris, 1980, pp. 566-569.

<sup>86</sup> Na expressão de AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, p. 49.

<sup>87</sup> Maior desenvolvimento de toda a questão em GARCÍA-GUIJARRO, L., *op. cit.*, pp. 239-278; e em HOUSLEY, N., “Crusades against Christians: their origins and early development, c. 1000-1216”, *Crusade and Settlement. Papers read at the First Conference of the Society for the Study of the Crusades and the Latin East, and Presented to R. C. Smail*, ed. de P. W. Edbury, Cardiff, 1985, pp. 17-36.



integrados na categoria dos textos modelares mais resumidos<sup>88</sup>. Tendo em consideração, ainda, a intricada questão inerente ao recurso dessa tipologia literária enquanto fonte histórica, a proposta de análise que se segue procurará, então, indagar aqueles elementos textuais que, de alguma forma, indiciam reflexos das indissociáveis relações com a realidade que os produziu e/ou que eles próprios terão gerado. Aquelos elementos textuais que, para Christoph T. Maier, prenunciam ecos de vozes históricas<sup>89</sup>.

Antes, porém, de proceder à tarefa de rastreio das estratégias de incitamento à cruzada, há alguns aspectos a ter em conta no sentido de um devido enquadramento dos textos em estudo. Aspectos que, na sua maioria, se prendem com o facto de constituírem, antes de mais, um registo literário. Desse modo, e num primeiro momento, convirá tentar perceber até que ponto os quatro modelos de sermões de cruzada que Humbert de Romans redigiu terão sido fruto de uma sua actividade homiliética, nomeadamente na pregação de cruzada. Na verdade, e à semelhança de outros autores de textos similares, seria perfeitamente exequível a participação do quinto mestre geral da Ordem de São Domingos numa ou em várias campanhas de incitamento ao movimento cruzadístico, ainda que não existam dados documentais esclarecedores. Segundo Maier, é quase certo que a experiência pessoal dos autores dos modelos sermonários, na qualidade de pregadores de cruzada, guiou o seu trabalho de composição dos textos didácticos a serem utilizados por outros pregadores<sup>90</sup>.

Assim, e mesmo sem haver as desejadas provas de Humbert de Romans ter, de facto, pregado a cruz, considerou o mesmo historiador que o Dominicano esteve certamente envolvido na organização e na direcção de propaganda cruzadística. Enquanto responsável pela província da sua Ordem do norte de França, terá até organizado a equipa dominicana de pregação à cruzada numa das áreas mais significativas de recrutamento para a primeira expedição do rei Luís IX —«o último grande cruzado»<sup>91</sup>—. “Probably arising from his duties as master general and the growing importance of the Dominicans’ role as crusade propagandists, Humbert later spent much effort in promoting the crusades to the Holy Land”<sup>92</sup>. Fosse como fosse, o movimento cruzadístico ser-lhe-ia, inevitavelmente, uma realidade bastante familiar.

<sup>88</sup> Uma das três categorias identificadas, explicadas e exemplificadas por MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 32-50.

<sup>89</sup> Na opinião de IDEM (*ibidem*, p. 25), os textos sermonários deverão ser, antes, encarados como “historical voices, ‘live’ sermons once preached in front of a specific audience, which were filtered through the process of recording, according to the conventions and characteristics of a written didactic discourse”.

<sup>90</sup> Confira-se em IDEM, *ibidem*, p. 19.

<sup>91</sup> AYALA MARTÍNEZ, C. de, *op. cit.*, p. 14. Sobre o evento histórico em que o célebre monarca actuou como protagonista, sugere-se, entre numerosos estudos, RUNCIMAN, S., *op. cit.*, vol. III, pp. 202-228; e PÉRNOUD, R., “El perfecto cruzado”, *Los hombres de las Cruzadas. Historia de los soldados de Diós*, S. Lourenço do Escorial, 1987, pp. 261-281.

<sup>92</sup> MAIER, C. T., *Crusade*, p. 12. Para o historiador, Humbert de Romans chegou a desempenhar um papel activo, e de relevo, na propagação das cruzadas (ver p. 8). Outros autores de modelos de sermões moveram-se igualmente na esfera da participação do rei francês Luís IX no movimento cruzadístico, como seja Eudes de Châteauroux, que planeou a campanha de propaganda da primeira cruzada do monarca, acompanhando-o depois ao Oriente na qualidade de delegado papal (ver p. 9). De igual modo, Gilbert de Tournai, que poderá ainda ter acompanhado a primeira cruzada do rei à Terra Santa, envolveu-se seguramente na pregação da cruz para essa iniciativa (ver pp. 10-11). COLE, P.J. (*The Preaching*, p. 195), confirmou o seu envolvimento començões do próprio autor.

Num segundo momento prévio à análise proposta, refira-se a série de características comuns aos quatro textos em apreço, muitas igualmente presentes na generalidade dos modelos sermonários de temática afim assinados por outros autores, mais ou menos contemporâneos do ilustre Dominicano. Em primeiro lugar, em qualquer dos quatro modelos Humbert de Romans indicou a ocasião para a qual o texto modelar poderia revelar-se mais útil, anunciando, dessa forma, o próprio assunto. Essa informação seria facultada logo de início, como aliás tem sentido, plasmada, assim, no título de cada um dos textos. Dois deles serviriam para contextos de pregação de tipos concretos de cruzada, a saber, o terceiro e quarto modelos, facto que permite a sua análise conjunta –no ponto 3.–. Já os dois primeiros modelos destinavam-se a sermões dedicados a todos os géneros de cruzada, ainda que depois se verificassem variantes de conteúdo, justificando, assim, o seu tratamento diferenciado –nos pontos 1. e 2.–. Em virtude dessa característica, estes dois textos aproximam-se mais do tipo de modelo aberto, pensado pelo autor para facilitar a sua adaptação a todas as situações de pregação dentro do variado contexto de cruzada que vigorou no século XIII<sup>93</sup>, conforme se observou antes. O resto do sermão, por vezes laborioso, dependeria da arte e da técnica do pregador, bem como da situação a retratar ou dos objectivos a alcançar. A informação factual e propagandística, amiúde o mote da homília, era facultada pela própria Igreja, por meio, por exemplo, das bulas papais e documentação similar.

Essa marca, deliberada pois, contribui para que nenhum dos textos denote indícios de ter resultado de algum sermão proferido numa determinada ocasião, não permitindo, assim, inferir que sejam fruto directo da aventada actividade pregadora de Humbert de Romans. Pelo contrário. Vários elementos denunciam uma estereotipagem do registo próprio dos modelos, como seja a abordagem abstracta do tema enunciado, dificultando a associação a uma realidade coeva, vivida ou não pelo autor. A reforçar essa abstracção, verifica-se a total ausência de datas e nomes concretos, bem como a inexistência de alusões a factos ou eventos históricos. Questão intimamente ligada à sua natureza tipológica, qualquer dos modelos sermonários apresenta remissões a passagens bíblicas. Em menor grau, o Dominicano recorreu ainda a obras de autoridades da Igreja, como Santo Agostinho e Beda, o Venerável<sup>94</sup>. Tanto no primeiro como no segundo caso, está-se perante a aplicação de uma série, frequente, de técnicas específicas do instrumento de trabalho oferecido aos pregadores.

Com efeito, a sequência de várias remissões às Sagradas Escrituras ou a textos lapidares de figuras eclesásticas notáveis pretendia facilitar o trabalho do pregador que recorresse a esse modelo para elaborar o seu sermão. Com a indicação de mais do que uma referência bíblica para um mesmo tema, Humbert de Romans possibilitava ao pregador uma maior flexibilidade

<sup>93</sup> Sobre esse género de modelo aberto, que MAIER, C. T. (*Crusade*, pp. 29-30), designou também de “multi-purpose sermons”, explanou o historiador que “the author’s objective probably was to create an ‘open’ sermon model which presented other preachers with a basic set of themes and arguments for preaching, but without the focus and elaboration necessary for addressing a specific audience about a particular crusade”.

<sup>94</sup> Para o já aludido contributo, fundamental, da patrística, em particular de Santo Agostinho, em todo o discurso cruzadístico, sugere-se também RILEY-SMITH, J. S. C., “Crusading as an Act of Love”, *The Crusades. The essential readings*, pp. 42-45 (originalmente publicado em *History*, n.º 65, Londres, 1980, pp. 177-192).

na adaptação do texto modelar às suas necessidades ou aos seus interesses<sup>95</sup>. Por certo, subjacente a tal recurso estava também o carácter fundamentalmente bíblico da pregação cristã, assente nos eixos básicos do discurso evangélico, mormente pelo seu valor normativo<sup>96</sup>. Assim, a presença, mais ou menos desenvolvida, das Sagradas Escrituras detinha também uma função utilitária, de pendor catequético e persuasor para os ouvintes no incitamento à cruzada, objectivo primeiro desses textos modelares. Nesse âmbito se insere ainda o recurso, em alguns modelos, a imagens retiradas do quotidiano, como contraponto do ideal cristão, bíblico. Realidades próximas e familiares aos potenciais *crucesignati*, para mais facilmente apreenderem a mensagem do sermão.

Para além das referências a passagens bíblicas e outras de natureza dogmática, diversos elementos reflectem ainda a faceta técnica, essencialmente didáctica, dos modelos de sermões de Humbert de Romans. Apenas como exemplo, refira-se a própria estrutura dos textos, terminando com uma *conclusio*, cujo objectivo não só permitia sintetizar as principais ideias da homilia, como passava por uma estratégia de apelo à emotividade do ouvinte, porquanto o tom do discurso deveria ser sempre em sentido ascendente. O próprio facto de essa parte final do modelo de sermão adoptar um registo de oralidade, perfeitamente construída, remete para a função persuasora, até mesmo instigadora, que cumpria ao pregador. O recurso ao discurso directo, como na expressão «caríssimos»<sup>97</sup>, pressupondo a existência de um colectivo e sendo igualmente resultado de um artifício literário<sup>98</sup>, constitui um indicador mais da correcta função do pregador, cujo sermão deveria ser suficientemente sugestivo no convite lançado aos ouvintes, mas de forma subtil, confiante e fraterna, no sentido de um incitamento à cruzada.

Na linha da clara intencionalidade da elaboração dos modelos de sermões cruzadísticos, toda essa série de elementos comuns concorria para o seu propósito eminentemente utilitário. Tal como na generalidade dos autores desses textos modelares, o objectivo do ilustre Dominicano não consistiu na preservação da sua eventual experiência de pregador para a posteridade. Definitivamente, o seu propósito não residiu na vertente histórica que os manuscritos pudessem encerrar. Na verdade, pela estrutura simples e convencional que apresentam, os modelos sermonários propostos por Humbert de Romans não pretendiam, em nada, representar sermões reais.

### 1. Ad peregrinos

O tema principal do primeiro modelo de sermão, anunciado logo no título *–Ad peregrinos crucesignatos–*, foi estruturado em três partes distintas mas necessariamente comple-

<sup>95</sup> Sobre essa questão, veja-se MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 35-41.

<sup>96</sup> Veja-se LONGÈRE, J., *op. cit.*, pp. 19-24 e 177-181.

<sup>97</sup> Veja-se o Sermão II, 10, e o Sermão III, 13, publicados neste artigo, em apêndice, para facilitar o acesso à fonte analisada. Os textos foram, por conseguinte, retirados de MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 210-229 (para os manuscritos existentes leia-se pp. 77-78).

<sup>98</sup> Conforme explicou IDEM (*ibidem*, p. 27), esse artifício “suggests that direct speech might just as well be freely invented text, included as an example of how to issue a formal invitation to members of an audience to come forward to take the cross”, acrescentando que Humbert de Romans elaborou uma lista de fórmulas dessa natureza num dos seus importantes manuais de pregação.

mentares. Assim, o autor começou por informar da existência de uma peregrinação geral, mediante a qual todos os homens eram denominados peregrinos. Recorrendo a citações bíblicas para definir os conceitos consubstanciados na sua afirmação, Humbert de Romans empenhou-se, nos dois parágrafos que compreendem esta parte inicial<sup>99</sup>, em esclarecer que nessa peregrinação havia quem se desviasse dos seus propósitos quando se deparava com algo agradável e aí permanecia sem se preocupar com os verdadeiros objectivos. Ao retomar a narrativa bíblica para exemplificar essa situação, estabeleceu a comparação entre esses *peregrini* apenas de nome e os filhos de Israel, que ficaram na Babilónia sem pretender regressar a Jerusalém, o *celum* de onde provinham. Com essa caracterização, estabeleceria também um evidente paralelo com o ideal de vida cristã<sup>100</sup>.

A seguir, registou um outro tipo de peregrinação, esse já especial, segundo o qual o fiel, na qualidade de devoto de um determinado santo, empreendia uma viagem para visitar o sepulcro do seu modelo cristão, não só para lhe prestar a devida homenagem, mas ainda para se inspirar numa vida mais perfeita, papel que, conforme se sabe, também a santidade desempenhava<sup>101</sup>. Esse segundo tipo, a que o autor somente consagraria um parágrafo<sup>102</sup>, era uma modalidade considerada já de certo nível, porquanto exigia ao fiel o sacrifício da deslocação ao lugar onde estava o santuário. Como se tratava de uma viagem que implicava riscos, muitos fiéis não conseguiam concretizá-la por cederem a actos pouco dignos, como enganarem quem os acompanhava ou hospedava. Alguns desses actos, como o de se misturarem com mulheres, revelavam-se até ilícitos, impróprios de quem envergava o hábito de peregrino. Para uma melhor explicação da sua mensagem, Humbert de Romans recorreria de novo ao exemplo bíblico, desta feita numa alusão a um jogo de aparências, transmitido pela imagem exterior específica do peregrino, identificado pelos seus atributos próprios –como a bolsa, o bastão, a capa ou manto–<sup>103</sup>, nem sempre correspondente ao verdadeiro sentimento. Afinal, eram muitos os vagabundos que tentavam passar por peregrinos sem o serem, só para poderem aceder aos benefícios divinos. Deus, porém, estava atento e sabia perfeitamente quem era o *bonus peregrinus*.

Denotando com clareza o sentido gradativo do discurso e, com isso, imprimindo uma intensidade emotiva no modelo sermonário proposto, o autor reservou a terceira parte do texto<sup>104</sup>, a maior por razões óbvias, à mais importante de todas as peregrinações, aquela que

<sup>99</sup> Sermão I, 1-2.

<sup>100</sup> Em MAIER, C. T., *Crusade*, p. 48.

<sup>101</sup> A título ilustrativo, para GUREVITCH, A. I. (*op. cit.*, p. 285), durante a Idade Média o homem santo prefigurou a perfeição, tendo, por isso, funcionado como um ideal na educação moral. Sobre a temática, revela-se assaz elucidativo o contributo de VAUCHEZ, A., “O santo”, *O homem medieval*, dir. de J. Le Goff, Lisboa, 1989, pp. 211-230.

<sup>102</sup> Sermão I, 3.

<sup>103</sup> Para outro tema que tem gerado uma vastíssima produção historiográfica, a sugestão de leitura com carácter introdutório recai em SOT, M., “Pèlerinage”, *Dictionnaire raisonné de l’Occident médiéval*, pp. 892-905, contendo remissões bibliográficas importantes.

<sup>104</sup> Sermão I, 4-6.

constituía, na realidade, a verdadeira peregrinação, a *peregrinatio prerogative excellentie*. Numa palavra, a cruzada. Porque essa peregrinação era levada a cabo em nome do maior de todos os santos –o próprio Cristo–, os sacrifícios a que os fiéis se expunham eram bastante mais profundos, na medida em que implicavam a morte. Além disso, nessa peregrinação os fiéis não voltariam às suas terras com a brevidade ocorrida na sequência de outros empreendimentos devotos, devendo mesmo predispor-se a viajar para muito longe de casa. Depois, essa peregrinação contribuía para o bem comum da cristandade, ao passo que as outras contemplavam apenas o conforto pessoal. Devia-se ainda ter em consideração, segundo Humbert de Romans, que os *peregrinos cruce signatos* recebiam uma indulgência plenária pelos seus pecados, enquanto aos outros peregrinos apenas era concedida uma simples indulgência.

Afinal, os praticantes da verdadeira peregrinação seguiam o exemplo de Cristo, no Seu calvário, carregando a própria cruz. De tal forma essa imitação era patente que se evidenciava mais do que em qualquer outro empreendimento piedoso. Com efeito, mais relevante do que qualquer dos outros sinais identificadores dos *peregrini specialis*, os que seguiam o Santo dos santos transportavam a Sua cruz. Desse modo, a responsabilidade que recaía sobre eles era proporcionalmente maior. Exigindo uma postura digna, os *peregrinos cruce signatos* deveriam executar a sua tarefa de forma sagrada, cumprindo assim o exemplo bíblico da *via sancta*. Deveriam também realizá-la com alegria, ainda na linha do testemunho das Sagradas Escrituras, tanto a alegria resultante da graça, consistindo no presente da acção, como a alegria originada pela glória, reportando-se ao futuro, ou seja, o êxito alcançado. Deveriam, igualmente, levá-la a cabo com perseverança, para que nenhum tipo de inconstância, adversidade ou outro contratempo pudesse induzi-los a um desvio, a uma desistência dos seus intentos.

Essas comparações entre os diferentes géneros de peregrinação, com clara vantagem para a mais proeminente, bem como as advertências dirigidas aos mais valorosos fiéis que quisessem seguir o exemplo de Cristo, foram, já em jeito de conclusão, brevemente sintetizadas no derradeiro parágrafo do texto modelar em análise<sup>105</sup>. Para tanto, o autor recorreu a mais uma citação da Bíblia, suficientemente convincente para surtir o efeito desejado. O mote escolhido alicerçou-se, então, na ideia-chave do discurso, antes esboçada e aqui elucidada, a saber, a tomada da cruz. Seriam os destinatários do sermão, potenciais *peregrinos cruce signatos*, a concretizar essa ideia, tornada realidade se o modelo proposto conseguisse incitar à cruzada.

Segundo Christoph T. Maier, o propósito do sermão subjacente a este texto modelar não se limitaria a uma pregação destinada a recrutar partícipes na expedição armada que se pretendia levar a cabo. Poderia, na opinião do historiador, servir igualmente para encorajar e dar conforto, quer na partida para o local do confronto bélico, quer no momento que antecedia a luta armada que estaria prestes a travar-se. Por esse motivo, catalogou o tipo de modelo de sermão no âmbito da pregação *ad cruce signatos et cruce signandos*<sup>106</sup>. Contudo, a mensagem que transparece da sua estrutura, atrás enumerada, parece remeter para um contexto de claro incitamento a uma situação concreta. Com efeito, a ideia aqui plasmada no conceito de peregrini-

<sup>105</sup> Sermão I, 7.

<sup>106</sup> Confira-se em MAIER, C. T., *Crusade*, p. 30.

nação armada conotada com a inevitabilidade da prática cruzadística<sup>107</sup>, em virtude da necessidade da defesa da fé, reside no elemento capital de qualquer discurso com fins de aliciamento para um empreendimento que se revelaria pouco motivador, na medida em que apresentava não poucas dificuldades e, até mesmo, punha em risco a própria vida dos seus agentes. Por forma, pois, a contrapor esses aspectos dissuasores, a estratégia adoptada pelo pregador consistiria em rebater cada uma das dificuldades com a grande e compensadora contrapartida.

Dominando perfeitamente a técnica, Humbert de Romans propunha, assim, algumas das estratégias mais eficazes da missão dos seus confrades e outros colegas na árdua tarefa de angariar homens para a cruzada. Na verdade, encontramos todos os elementos essenciais no seu modelo de sermão, a saber, a motivação de todo o fiel – pôr em prática uma vida exemplar e, com isso, retribuir o sacrifício que Cristo fez pela cristandade –, o dever de cada fiel – defender a cristandade em nome de Cristo, materializado na participação em cruzadas – e o reconhecimento só para os melhores fiéis – a ostentação da cruz na indumentária, como eleito de Deus –. A Sua recompensa, traduzida numa indulgência plenária, demonstraria bem a marca divina. De acordo com Christoph T. Maier, os conceitos latentes neste texto constituíram alguns dos tópicos que os autores de modelos sermonários menos utilizaram de forma extensiva, embora fossem bastante correntes na época. Assim, a ideia-chave a que Humbert de Romans recorreu descrevia qualquer viagem religiosa com um propósito devocional, em que, por diversos motivos, desde a crença à conveniência, se integrava a cruzada<sup>108</sup>.

## 2. De crucis

Revelando-se uma característica da produção sermonária de Humbert de Romans, conforme foi referido, também o segundo texto modelar proposto apresenta o seu tema central no respectivo título – *De predicatione crucis in genere quocumque* –. Se a proposta anterior anunciava um destinatário específico, agora o público visado situava-se num âmbito mais alargado. Na sequência desse título, o modelo sugeria como ponto de partida uma comparação apreensível por todos os tipos de audiência. Num primeiro parágrafo de abertura<sup>109</sup>, o pregador contava que era corrente os reis reunirem um grande contingente de súbditos sempre que se verificava a necessidade de um confronto armado. Como forma de agradecimento, recorriam eles a generosas dádivas. Do mesmo modo, em assuntos de fé, afinal os principais da Igreja – *que sunt maiora negotia que possint esse in ecclesia* –, Deus, o Rei da Glória, congregava os seus súbditos, por intermédio dos sacerdotes, para combaterem os infiéis e seus sequazes. Para os encorajar a lutar, recompensá-los-ia com uma abundância de indulgências.

Como prova do seu compromisso para com a fé de Cristo, o Crucificado, os fiéis recebiam o sinal da cruz, tornando-se então os Seus soldados – os *milites Crucifixi* –, identificados com o emblema do martírio, que transportariam a partir desse momento. Um emblema que significava também a garantia da concessão de copiosas indulgências, retiradas directamente

<sup>107</sup> Sobre o conceito, veja-se DEMURGER, A., *op. cit.*, pp. 14-16.

<sup>108</sup> Em MAIER, C. T., *Crusade*, p. 52. Para o tema da cruzada como peregrinação penitencial, veja-se COLE, P.J., *The Preaching*, pp. 142-176.

<sup>109</sup> Sermão II, 1.

do tesouro da paixão de Cristo. Com essa sequência de argumentos, enumerada no segundo parágrafo do texto<sup>110</sup>, o pregador anunciava o tríptico que lhe permitiria construir o sermão. Com efeito, eram três os motivos que levavam os fiéis a assumir a responsabilidade de defender a Igreja, sendo que o primeiro consistia no zelo ou ardor da fé e da fidelidade a Deus, o segundo radicava no facto de ser Ele o verdadeiro Senhor e o terceiro residia na generosidade das indulgências. Pelos tópicos enumerados, confirmava-se, assim, o fundamento do modelo sermão proposto, a saber, a tomada da cruz na base de todos os argumentos.

O desenvolvimento do primeiro tópico preencheu três parágrafos do texto modelar<sup>111</sup>, um dos quais assente numa citação de Santo Agostinho sobre a grandeza da fé. Comentou-se já a relevância da autoridade agostiniana na generalidade do discurso apologético da Igreja, segundo o qual a única fé é a católica. De facto, explanaria de seguida o pregador que, por muito que os infiéis nutrissem um profundo ardor pela sua fé, ela nunca deixaria de constituir uma manifestação de infidelidade, levando-os, pois, a arder no seu próprio fervor e, com isso, a sofrer uma morte amarga. Assim acontecia com os hereges e com os sarracenos, por oposição aos santos bíblicos, tidos, como se sabe e se mencionou, por modelos de vida a seguir. À semelhança dos santos, também os apóstolos e os mártires se submeteram a padecimentos pela verdadeira fé, não se deixando consumir por pequenas questões do foro temporal. Com os exemplos, pois, da perseverança dos santos na luta pela fé, e porque os infiéis insistiam na sua perversão, os fiéis muito ainda tinham para combater e defender, um acto realmente dignificante.

Para explicar o segundo tópico, Humbert de Romans necessitou de dois parágrafos, elaborados também com o recurso à palavra divina<sup>112</sup>. Assim, pretendendo demarcar bem a diferença entre os senhores terrenos e o Senhor Deus, o pregador apresentaria como exemplo a agonia do martírio vivida pelos Macabeus<sup>113</sup>. Por culpa do senhor terreno, os homens eram amiúde maltratados. Contrariamente a essa situação, foi Cristo, o Senhor por excelência, quem sofreu pelos pecados dos homens. Além disso, as dádivas dos senhores terrenos raramente se revelavam suficientes, uma situação contrária às recompensas divinas. Por conseguinte, em vez de se baterem com valentia e coragem por um senhor terreno, de quem só receberiam bens temporais, por quem apenas padeceriam e quem não os recompensaria devidamente, os homens deviam antes investir no Senhor celestial, de quem só poderiam esperar benesses.

Benesses essas que passariam, pois, pelas indulgências, o terceiro tópico da argumentação do pregador, que exigiu dois parágrafos no modelo sermão proposto<sup>114</sup>. No seguimento da exposição do tópico anterior, o autor do texto modelar recorreu de novo a uma realidade

<sup>110</sup> Sermão II, 2.

<sup>111</sup> Sermão II, 3-5.

<sup>112</sup> Sermão II, 6-7.

<sup>113</sup> Tema recorrente nos escritos sermão de Humbert de Romans, conforme se pode verificar em COLE, P. J., "Humbert of Romans and the Crusade", p. 165.

<sup>114</sup> Sermão II, 8-9.



de terrena, desta vez elementos da natureza, para estabelecer um paralelo com a mensagem veiculada. Assim, tal como a escassez de água no Egito constituía alvo de grande atenção por parte das populações, que abasteciam as suas cisternas sempre que ocorriam cheias no Nilo, proporcionando depois a abundância desejada e necessária, também as vantagens que os fiéis obteriam quando tomassem a cruz seriam generosas e de efeitos crescentes e duradouros. Nesse sentido, durante o tempo em que a cruz fosse pregada, as comportas do céu ficariam abertas, proporcionando uma abundância de indulgências, e a Igreja manteria os braços abertos e as mãos estendidas aos pobres e necessitados. O período de cruzada era, portanto, para os cristãos um tempo de generosidade divina e de júbilo, em que podiam ver os seus pecados anulados. Todavia, tamanha generosidade, quais gotas de chuva, passaria depressa e as dádivas acabariam logo, pelo que pobres daqueles que não se apressassem a beneficiar das generosas indulgências.

Nesse registo de exaltação deveria o pregador rematar com uma *conclusio*, atingido que estava o ponto culminante, claramente traçado na gradação discursiva pretendida. Para esse efeito de adesão imediata, por parte da audiência, ao propósito do sermão, Humbert de Romans chegaria a propor o momento de entrada de um cântico, logo após o parágrafo de sistematização das ideias expressas nos tópicos abordados<sup>115</sup>. Desse modo, antes da elevação do espírito pela música, declararia o pregador que a Igreja, escorada na autoridade divina, tinha de entrar em guerra por causa da fé. Para tanto, incitava os fiéis a imbuírem-se do fervor desse sentimento, que os guiaria no cumprimento do seu dever para com o Senhor, a quem pertencia o combate, e os recompensaria depois com a grandeza das indulgências, exclusivamente destinadas aos que tomassem a cruz, o sinal sagrado. Após o cântico, nova investida faria o pregador no sentido de estimular, até mesmo instigar, o fiel a combater bem. Na verdade, e recorrendo uma vez mais às Sagradas Escrituras, distinguia entre os ociosos, que nunca lutavam, os que só lutavam de vez em quando, mas do lado errado, e os que lutavam na melhor guerra, naturalmente a da fé, propiciando-lhes o combate a vida eterna, dádiva a que os anteriores jamais acederiam.

O presente modelo de sermão foi concebido com um claro propósito de recrutamento, na medida em que o tema anunciado, e amplamente justificado, revelava-se bastante adequado ao incitamento das audiências, por certo assaz diversificadas, no sentido de se juntarem ao exército que deveria defender a fé católica. Em virtude desse pendor, este modelo poderá ser inserido no grupo de textos para pregação do tipo *ad cruce signatos*, ou seja, somente visando a angariação de candidatos a participar nas cruzadas, necessitadas sempre, conforme se disse, de numerosos contingentes armados. De facto, todos os elementos apontavam para esse objectivo, provavelmente de certo êxito<sup>116</sup>, porquanto os argumentos apresentados denotavam bastante solidez. Caso o pregador fosse talentoso, certamente que as suas palavras acabariam por surtir o efeito desejado. A proposta lançada por Humbert de Romans continha, na realidade,

---

<sup>115</sup> Sermão II, 10-11.

<sup>116</sup> Em MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 62-63.

as estratégias essenciais para o correcto incitamento à tomada da cruz em nome de Deus, mote fundamental, pois, do seu texto modelar.

Sendo a fé um valor supremo, justificação legitimadora de uma guerra tida por defensiva e considerada inevitável por causa dos inimigos, heréticos e sarracenos indistintamente, que insistiam no pecado da infidelidade a Deus, restava aos fiéis assumirem essa luta divina e levá-la a bom termo, tornando-se *milites Christi*<sup>17</sup> e dignificando o único verdadeiro Senhor, aquele que proporcionaria as indulgências genuínas, isentas de interesses secundários e mundanos. Uma lógica bélica que fora necessariamente construída com base no mundo visível, no quotidiano daqueles a quem se destinava. Um quotidiano que fornecia exemplos ao pregador para melhor se fazer compreender e, claro, ser bem sucedido. Mas, ao mesmo tempo, um quotidiano que lhe permitia a ele, membro do clero, esclarecer bem os campos de acção e, assim, jogar com as representações mentais dos homens a quem se dirigia. Por isso, numa relação intrínseca de causa-efeito, as alusões aos inimigos reais, classificados na conveniente categoria de *infideles*, unidos pelo comum pecado de recusa da fé católica. Por isso, também, o emprego de uma terminologia estreitamente ligada ao universo político, económico e social, plasmada em vocábulos como *dominos* e *fidelitas*<sup>18</sup>. Naturalmente, um universo bélico por natureza, pela prática e pela teoria, igualmente inculcado na mensagem sermonária, em termos como *milites Crucifixi*, *militiam magnam* e *pugnant optimo*.

### 3. Contra hereticos uel sarracenos

Os outros dois modelos de sermões de cruzada em análise neste artigo, redigidos por Humbert de Romans para uso dos pregadores, apresentam-se estruturados pela negativa, conforme se infere logo nos títulos –*In predicatione crucis contra hereticos* e *In predicatione crucis contra Sarracenos*–, anunciando, assim, o respectivo tema central, comum a ambos. Seguindo sempre um fio condutor resultante da opção pela organização do texto mediante uma temática principal, facilmente se detecta a sua divisão em secções. Assim sendo, o autor começou o seu terceiro modelo sermonário informando da existência de vários tipos de pecado, sendo a heresia o pior de todos. A partir desse tópico, construiu a sua argumentação, estribada tanto na Bíblia como nas ideias de Santo Agostinho e de Beda, com o que ocuparia os seis primeiros parágrafos<sup>19</sup>.

Desse modo, com o auxílio das autoridades citadas, explanou que, ao contrário de todos os outros pecados, a heresia envolvia obstinação, não pecando o herético por errar, mas por ser obstinado. Depois, ao contrário de todos os outros pecados, a heresia envolvia o colectivo, sendo então identificada com uma doença contagiosa, por exemplo a lepra. Além disso, a here-

<sup>17</sup> Leiam-se, a esse propósito, as considerações de RILEY-SMITH, J. S. C., “Crusading as an Act of Love”, p. 33; e de GUREVITCH, A. I., *op. cit.*, p. 286.

<sup>18</sup> Para esta importante questão será esclarecedora a leitura de RILEY-SMITH, J. S. C., “Crusading as an Act of Love”, pp. 36 e 48-50. Também MAIER, C. T. (*Crusade*, p. 56), e GUREVITCH, A. I. (*op. cit.*, p. 296 e 350), se pronunciaram sobre o assunto.

<sup>19</sup> Sermão III, 1-6.

sia induzia em erro os menos avisados, aparentando conter uma boa mensagem, o que na realidade não acontecia. Mais ainda, a heresia era nociva, pois aspirava a destruir a Igreja. Em quinto lugar, com a heresia multiplicavam-se as formas de descer ao inferno, por meio das novas seitas de pecado que inventava. Por fim, a heresia servia para desviar o fiel mais inadvertido, que, embora seguindo pelo correcto caminho da fé, enveredava pelo pecado na ânsia de encontrar um caminho melhor, sendo então os heréticos comparados aos ladrões que assaltavam os peregrinos. Por tudo isso, a Igreja era impelida a actuar.

Com essa ideia subjacente, o texto modelar transitava, assim, para um outro nível de discurso, criando uma segunda secção de argumentações, que abrangeria mais seis parágrafos<sup>120</sup>. Esse segundo nível consistia no ataque. Isto é, depois de apresentado um discurso de carácter defensivo, passava-se agora a esclarecer a forma de combate que a Igreja encontrara para inimigo tão pernicioso. Eram muitos os remédios existentes contra os heréticos. Começava-se por recorrer à doutrina, através da pregação, do debate e da discussão. Contudo, essa via não surtia efeito junto de muitos pecadores, que se escudavam citando autoridades perversas, por certo néscias, em vez de seguirem e respeitarem o exemplo da santidade e da sabedoria. Outro processo empregue radicava na excomunhão, já que, por definição, os heréticos eram todos excomungados, ainda que se manifestassem indiferentes a essa penalidade, por não aceitarem a autoridade clerical. O terceiro método, aplicado quando os anteriores falhavam, residia nos castigos que a Igreja podia infligir, que passariam pela deposição das honras, pela confiscação dos bens temporais e pelo encarceramento do corpo, ou seja, a prisão. Acontecia também poderem ser castigados pela morte, quando eram entregues às autoridades seculares.

Todavia, os hereges geralmente conseguiam escapar ao poder secular, ora por possuírem amigos com essas facilidades, ora por alguns deles serem seus detentores. De modo que, quando qualquer dos remédios apontados não produzia os resultados desejados e necessários, a Igreja via-se obrigada a recorrer à perseguição armada. Neste ponto do sermão, Humbert de Romans estabeleceu uma analogia com a realidade dos potenciais ouvintes do pregador que recorresse ao texto modelar proposto. Para tanto, deu como exemplo a actuação do médico sagaz, que, quando os outros remédios já não funcionavam, usava a lâmina para cortar um membro pútrido e em risco de contagiar as outras partes do corpo. Seria, pois, preferível destruir um membro pelo corte ou pelo fogo, do que permitir a contaminação das partes saudáveis. Com o objectivo de reforçar a necessidade de procedimentos tão violentos, apresentava de seguida mais argumentos sobre a natureza dos hereges. De acordo, então, com a Lei antiga, havia três tipos de pessoas que mereciam a morte, sendo o primeiro composto pelos blasfemos, o segundo pelos criminosos e o terceiro pelos feiticeiros. E porque os heréticos eram os piores blasfemos, revelando-se extremamente nocivos para a comunidade, que era a Igreja, e porque eles possuíam um espírito maligno ou divinatório, deveriam ser submetidos à nova Lei, que encerrava um maior fervor pela fé, pela verdade e pela honestidade.

Expostas, assim, as razões da actuação agressiva, bélica até, da Igreja contra tais inimigos da fé católica, o texto entraria na sua última parte, igualmente constituída por uma *con-*

<sup>120</sup> Sermão III, 7-12.

*clusio*, aqui com três parágrafos<sup>121</sup>. A ideia veiculada no final resumia-se, conforme se poderá prever, a sintetizar os argumentos apontados e, claro, a incitar com toda a veemência à cruzada contra a heresia. Afinal, representava um perigo tal, provocando irreversíveis prejuízos no mundo, que nem os devotos esforços da Igreja para resgatar os seus partidários tinham atingido bons resultados. Defendida pelo poder secular, a única solução que restava consistia em convocar o *exercitum Christianum* contra a heresia. Frisava-se que tal iniciativa ia contra a vontade da Igreja, que, por isso, muito lamentava –*et ideo sancta mater ecclesia, licet invita et cum dolore*–. Desse modo, lançava-se um apelo a todos os que tivessem fervor pela fé, que amassem o bem comum da cristandade, que se preocupassem com a honra de Deus e que quisessem ganhar a grande indulgência, a decidirem-se pela tomada do sinal da cruz e juntarem-se à milícia do Crucificado.

O quarto modelo de sermão, claramente o mais pequeno, segue, conforme referido, a linha do discurso propagandístico contra o inimigo da fé católica catalogado como herético. O texto é composto apenas por dois parágrafos<sup>122</sup>, embora só o primeiro contenha elementos concretos sobre o tema central, enunciado no título, na medida em que, no segundo, Humbert de Romans limitou-se a sugerir uma passagem bíblica e a remeter o utilizador do seu manuscrito para uma das suas obras, já aqui citada, e onde teria desenvolvido o assunto, o *De predicatione crucis*. Precisamente por esse motivo, o modelo sermonário contém semelhante configuração. Mesmo assim, o autor não deixou de mencionar aspectos relevantes na argumentação contra os sarracenos, os protagonistas do texto, inimigos da fé católica por antonomásia<sup>123</sup>. Assim, as seis razões apontadas para essa classificação traduziram-se no fervor ou ardor pela honra de Deus, no fervor ou ardor pela lei cristã, no amor fraterno, na devoção à Terra Santa, no exemplo dos outros cruzados e, por fim, na própria condição da guerra que urgia empreender.

Apesar da omissão dos abundantes e, amiúde, sólidos argumentos que os outros textos apresentaram, é possível imaginar o tom do discurso que se seguiria. Perante algumas das razões enumeradas no sentido de se justificar a cruzada contra os sarracenos, o registo a ser adoptado não se revelaria muito diferente do constante no penúltimo modelo de sermão<sup>124</sup>. Também por esse motivo, a análise de ambos foi inserida neste mesmo ponto 3. De facto, em qualquer dos dois textos são notórias as estratégias seguidas para o incitamento à cruzada. Uma mesma caracterização de inimigo, um mesmo método de combate, um mesmo processo de recrutamento de homens para essa luta. A argumentação contra os hereges, com a apli-

<sup>121</sup> Sermão III, 13-15.

<sup>122</sup> Sermão IV, 1-2.

<sup>123</sup> Sobre as origens desse fenómeno, consulte-se FLORI, J., *Guerre sainte, jihad, croisade. Violence et religion dans le christianisme et l'islam*, pp. 114-135.

<sup>124</sup> Em outros manuscritos do autor, como as cartas redigidas enquanto mestre geral da Ordem dos Pregadores, podem-se encontrar referências aos sarracenos que entroncam nesse paralelismo. Por exemplo, em 1255 referiu-se ele aos sarracenos como gente “gã da tanto tempo ingannati dal falso profeta”. Nessa mesma carta há uma alusão aos infieis como habitantes da região da Terra Santa, da Grécia e outras próximas. Veja-se ROMANS, H. de, *op. cit.*, p. 112 e 114, respectivamente. Para mais exemplos ver COLE, P.J., “Humbert of Romans and the Crusade”, pp. 166-169.

cação da devida técnica retórica por parte do pregador, surtiria igualmente o desejado efeito, porquanto a exposição proposta devia patentear-se deveras persuasora. Observe-se que, contrariamente aos dois primeiros textos modelares, aqui não se verificou uma acentuação do factor recompensa, havendo somente uma referência mínima à indulgência em abundância.

Ambos os modelos sermonários se destinavam, efectivamente, à pregação da cruz para defesa e protecção da Igreja, ameaçada por um tipo de inimigo caracterizado, como se disse, de maneira homogénea, a saber, contra a fé católica. Para essa ideia concorrem aspectos como a ausência de uma qualquer identificação nos textos analisados, quer para os hereges, quer para os sarracenos. Termos genéricos, intencionalmente aplicados a conceitos abstractos, não se pretendia com eles, por todas as razões já apontadas, discriminar elementos dessa natureza. Nem identificação nem enquadramento. Incumbia ao pregador ocupar-se dos dados factuais. Além disso, essa entidade abstracta em que se tornara já o inimigo era fruto de uma tipificação ocorrida na produção literária, mormente a apologética<sup>125</sup>. Antes ou depois, uma tipificação igualmente processada nas representações mentais dos cristãos, sobretudo ao nível do sarraceno ou muçulmano, que há muito fora transformado no Infiel por excelência<sup>126</sup>.

No entanto, ainda que no contexto concreto da pregação da cruzada, tivesse sido mencionado sem rosto nem nome, sem identidade, é possível reconhecer esse inimigo, pelo menos aproximá-lo de uma realidade histórica. Como o terceiro modelo de sermão é o mais completo, detenhamo-nos no inimigo herético. Sabendo que o texto foi redigido entre meados do século XIII e a segunda metade dessa centúria, revela-se tentador conjecturar o enquadramento obliterado por Humbert de Romans. Um enquadramento algo anterior ao autor, por se situar nas primeiras décadas de Duzentos, mas de efeitos duradouros, reportando-se, por conseguinte, à heresia cátara e, em particular, à cruzada contra os Albigenses, em cuja iniciativa participaram vários pregadores e autores de modelos sermonários contemporâneos do Dominicano<sup>127</sup>. Não se revelarão destituídas de sentido factual as referências no texto à impotência da Igreja face a certas oposições com que deparara no combate à heresia, estabelecendo, para tanto, uma diferenciação entre o esforço eclesiástico e o poder secular, que até alguns dos hereges detinham ou de cuja protecção beneficiavam. A título ilustrativo, vem à memória o papel desempenhado pelo conde de Toulouse, Raimundo VI, e o contexto dos acontecimentos.

Contudo, não se deve esquecer que o tema-chave da heresia constituía um tópico também há muito recorrente na produção literária de origem eclesiástica, na sequência da própria história dos fenómenos heréticos<sup>128</sup>. Na verdade, para essa situação teria de igual modo contri-

<sup>125</sup> Tópicos e imagens inteiramente convencionais já em meados do século XIII, conforme esclareceu IDEM, *ibidem*, p. 168.

<sup>126</sup> Sobre a evolução do conceito e da realidade dos sarracenos no imaginário medieval, será igualmente proveitosa a consulta de SÉNAC, P., *L'image de l'Autre. Histoire de l'Occident médiéval face à l'Islam*, Paris, 1983; e de TOLAN, J. V., *Saracens. Islam in the medieval european imagination*, Nova Iorque, 2002.

<sup>127</sup> Exemplos vários em MAIER, C. T., *Crusade*, pp. 8-9 e 21-23. Sugere-se a leitura dos diversos contributos apresentados em *La croisade albigeoise. Actes du colloque du centre d'études cathares*, ed. de M. Roquebert, Carcassonne, 2004.

<sup>128</sup> Mais um tema amplo, para o qual a bibliografia existente é numerosa. Para a sua contextualização, veja-se ZERNER, M., "Hérésie", *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, pp. 464-482.

buído a pregação especificamente de combate às heresias, ainda que esse instrumento de propaganda não tivesse sido aplicado de imediato na luta contra os hereges, que desde cedo existiram. Com efeito, só nos finais do século XII e na centúria seguinte, altura em que a Igreja tomou consciência do impacto da palavra pública e da multiplicidade das suas potencialidades, as autoridades eclesiásticas reagiram, usando a nova arma contra os inimigos da fé e outros penitentes laicos que pretendiam anunciar o Evangelho. E só a partir de então a exigência da refutação da heresia se tornaria um tópico fundamental da produção sermoneira de Duzentos<sup>129</sup>.

## OBSERVAÇÕES FINAIS

O século XIII analisado neste artigo correspondeu a um importante período de renovação do ensino intelectual e da função social da instituição universitária. Uma renovação que afectou e, ao mesmo tempo, foi afectada pelo movimento de reforma pastoral promovido por mestres e estudantes. Estes, desejosos de cumprir o que consideravam ser o seu desígnio, exigido pelos novos ventos que sopravam, tornaram-se mentores e partícipes de fenómenos culturais com repercussões irreversíveis na própria história do Ocidente. Beneficiando de uma conjuntura propícia à novidade, as manifestações reformadoras ganharam terreno e favoreceram o aparecimento de estruturas, métodos, técnicas e instrumentos. Surgiu, então, a estrutura mendicante, propagadora do método da palavra, promotora do aperfeiçoamento da técnica da comunicação, criadora e divulgadora dos instrumentos materiais e humanos que concretizariam a renovação vivida em Duzentos. Produto desse século aqui analisado, Humbert de Romans contribuiu para o engrandecimento do movimento renovador, quer com um eficaz desempenho de cargos eclesiásticos —como o de mestre geral da Ordem de São Domingos—, quer com uma generosa produção intelectual, traduzida em obras literárias e instrumentos de trabalho<sup>130</sup>.

De entre esses variados instrumentos de trabalho, deu-se aqui destaque a quatro dos seus numerosos modelos de sermões visando o incitamento à cruzada. Porque o século XIII de Humbert de Romans foi igualmente um importante período de expedições armadas, com as mais diversas causas e consequências. Em nome da Igreja, a propulsora dessas iniciativas, o autor dos textos modelares, na qualidade de seu agente, cumpriu assim um dever, assente na redacção de modelos de futuros sermões, a fonte necessária à estratégica propagação da mensagem divina, veiculada por meio da pregação, graças ao instrumento humano pondo em prática o instrumento material, com o grande objectivo de difundir o ideal cristão patente no acto de tomar a cruz. Nesses textos, o autor dava de si o que sabia, moldando-os com a sua

<sup>129</sup> “The vigor of heretical activity in Europe in the twelfth and thirteenth centuries intensified the interest of theologians and churchmen in explaining and reaffirming the importance of the fundamentals of the faith. Preaching, along with confession and catechism, were important means of strengthening belief” (BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H., *op. cit.*, p. 27). A questão foi explanada em DESSÌ, R. M., e LAUWERS, M. (Coord.), *op. cit.*, pp. 16-18.

<sup>130</sup> Segundo BRISCOE, M. G., e JAYE, B. H. (*op. cit.*, p. 26), o legado que Humbert de Romans deixou para a História não se esgotou na produção das suas obras escritas, na medida em que esses seus trabalhos iriam, por exemplo, inspirar e influenciar diversos livros de conduta para clérigos. O mesmo registou COLE, P.J., “Humbert of Romans and the crusade”, pp. 173-174.

formação, estruturando-os com o seu sistema de valores, enriquecendo-os com a sua experiência, configurando-os com as suas representações mentais. O objectivo era um, a exaltação da cruzada, a maior das peregrinações, fruto da mais importante das pregações, para o combate à pior das heresias, contra o mais ignóbil dos inimigos.

## APÊNDICE

### SERMÃO I<sup>131</sup>

#### Ad peregrinos cruce signatos

- 1 Notandum quod est quedam peregrinatio generalis, secundum quam omnes, qui sunt in mundo isto, dicuntur peregrini, ii Co. v [6]: *Quamdiu sumus in corpore, peregrinamur a Domino*. Quod recognoscens David dicit [Ps. xxxviii, 13]: *Advena ego sum apud te et peregrinus*.
- 2 Sed sunt quidam, immo multi, qui invenientes in ista peregrinatione aliqua placentia adherent eis, ita quod non curant redire ad celum unde venerunt, sicut multi filiorum Israel peregrinantes in Babylonia remanserunt ibi nec curaverunt redire in Iherusalem cum aliis, detenti aliquibus delectabilibus ibidem. Quod contra dicitur, [i] Pe. ii [11]: *Obsecro vos tamquam advenas et peregrinos abstinere vos a carnalibus desideriiis, que militant adversus animam, eam scilicet detinendo et impediendo, ne revertatur ad locum unde venit*.
- 3 Alia est peregrinatio specialis Christianorum illorum, qui conversi ad aliquem sanctorum visitant limina ipsius ex causis predictis in titulo precedenti. Sed quia multi istorum in huiusmodi peregrinatione frangunt ieiunia et festa et defraudant socios vel hospites vel theolonarios vel exponunt se mulieribus vel alia illicita committunt sub habitu peregrini, dicit Dominus, Sopho. i [8]: *Visitabo super omnes, qui induti sunt veste peregrina*, que scilicet vestis exterior apparet in pera et baculo et clavina et huiusmodi signis. *Visitabo*, inquit, ad videndum scilicet, utrum sint boni peregrini vel falsi, sicut sunt quidam trutanni [fl. 135v] qui simulant se peregrinos et non sunt. Propter quod dicitur in vulgari: ‘Deus scit qui est bonus peregrinus’.
- 4 Alia est peregrinatio prerogative excellentie, scilicet cruce signatorum, que in multis precellit alias peregrinationes Christianas. Alie enim fiunt propter aliquem sanctum, ista autem propter sanctum sanctorum, scilicet Christum, specialiter.
- 5 Item in aliis exponunt se homines labori, in ista autem exponunt se morti, et hoc in casibus multis. Item in aliis cito revertuntur homines ad domum et patriam suam, in ista autem vadunt longe ad peregrinandum diu. Item secundum hanc subvenitur communi bono Christianitatis, per alias autem soli proprio commodo. Item peregrinis aliis

<sup>131</sup> Avignon, Bibliothèque Municipale, Musée Calvet 327, fls. 135r-136r. Em MAIER, C.T. *Crusade*, pp. 210-214.



non datur aliqua indulgentia, istis vero datur plenaria indulgentia peccatorum. Item in istis relucet clare exemplar Christi, qui baiulans sibi crucem exivit in locum Calvarie. Sic et isti Christum sequentes crucem eius deferunt, quod non alii faciunt, sed alia signa peregrinationis.

- 6 Notandum autem quod quanto peregrinatio ista est maioris prerogative, tanto peregrini isti maiorem curam debent apponere, ut eam debito modo et digno faciant. Proinde debent eam facere sancte, ut impleatur in eorum via illud quod dicitur Ysa. xxxv [8]: *Via sancta vocabitur*; iterum Ierem. [cxviii, 54]: *Cantabiles michi erant iustificationes tue in loco peregrinationis mee*, et illud [Ps. cxxxvii, 5]: *Et cantent in viis Domini, quoniam magna est gloria Domini*. Et notantur in hiis duobus esse letitie, quarum una surgit a presenti gratia, cum dicit: *Iustificationes*, alia a futura gloria, cum dicit: *Quoniam magna est gloria Domini*. Item perseveranter, ut nec levitate nec adversitate nec aliis causis retrahantur ab incepto quousque compleverint, quia: *Ve illis qui dereliquerunt vias rectas*, sicut dicitur Ecc[us]. ii [16]. Iob xvii [9]: *Tenebit iustus viam suam*.
- 7 Materia de predictis. Thema: He[b]. ultimo [xiii, 13-14]: *Exeamus ad Christum extra castra improprium, scilicet crucem, eius portantes; non enim habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus*. Notandum quod hoc verbum impletur in peregrinis cruce signatis. Ad pleniorum autem intelligentiam [fl. 136r] eorum, que ad eos pertinet, notandum est quod quedam est peregrinatio generalis etc. ut supra.

## SERMÃO II<sup>132</sup>

De predicatione crucis in genere quocumque

- 1 [fl. 218r] Notandum quod sicut reges in magnis negotiis guerrarum insurgentium solent congregare militiam magnam et aperire thesauros suos ad dandum larga donaria, ita Rex Glorie per vicarium suum in terris pro negotiis fidei et ei annexis, que sunt maiora negotia que possint esse in ecclesia, congregat fideles suos ad militandum contra infideles et eorum fautores et de thesauris suis profert largissima dona indulgentiarum ad elargiendum istis militaturis.
- 2 Et ideo talibus datur signum crucis in signum quod pro fide Crucifixi assumunt huiusmodi certamen, et in signum quod sint milites Crucifixi eius signum portantes, et in signum quod larga indulgentia, que datur eis, tota assumitur de thesauro passionis Christi in cruce complete. Sunt ergo tria, que debent movere ad huiusmodi crucem sumendam, scilicet zelus fidei et fidelitas ad Deum, verum universorum dominum, et largitas indulgentiarum.
- 3 Circa primum notandum quod nichil est in terris ita magnum sicut fides. Unde Augustinus de verbis Domini: 'Nulle maiores divitie, nulli thesauri, nulli honores,

<sup>132</sup> Avignon, Bibliothèque Municipale, Musée Calvet 327, fls. 217v-219r. Em IDEM, *ibidem*, pp. 216-220.

- nulla huius mundi maior substantia quam fides catholica, que peccatores homines salvat, cecos illuminat, infirmos curat, catechuminos baptizat, fideles iustificat, penitentes reparat, iustos augmentat et martires coronat’.
- 4 Item infideles pro sua fide, immo pro infidelitate, ita zelant quod se tradunt igni et mortibus acerbis pro ea, ut patet in hereticis. Ita etiam zelant quod semper impugnant alios pro sua fide dilatanda, ut patet in Sarracenis. Item sancti tam Veteris Testamenti, ut patet in Machabeis, quam Novi, ut patet in apostolis et martiribus, mirabilia passi sunt pro zelo fidei, de quo loquitur Apostolus, He[b]. xi.
  - 5 Cum ergo homines interdum zelent in immensum pro re modica temporali, et infideles pro sua fide perversa, et sancti tot et tanta exempla zelandi pro fide nobis reliquerint, quantum debent zelare fideles pro sua fide, que est res tam pretiosa et fides tam verissima exemplo sanctorum precedentium!
  - 6 Circa secundum notandum quod inter dominos terrenos et Dominum Deum multa est differentia. A dominis enim terrenis tenentur res temporales, a Deo vero tenentur ipsum corpus. Unde ii Ma. vii [11] unus de septem fratribus [fl. 218v] positus in agone martirii respiciens membra sua dixit: *E celo ista possideo*. Item propter culpam dominorum terrenorum homines eorum frequenter male tractantur. Hic vero accidit e contrario, Tre. iiii [20]: *Christus Dominus captus est in peccatis nostris*, id est pro peccatis nostris. Item domini terreni fideles suos pro se decertantes interdum aut parum aut in nullo remunerant. Dominus vero Deus non sic, immo promittit septem valde magnas promissiones, Apo. ii et iii, fideliter pro se decertantibus.
  - 7 Si ergo homines propter fidelitatem servandam domino terreno, a quo non habent nisi temporalia et pro quo frequenter multa mala sustinent et a quo modicam vel nullam remunerationem expectant, sic pugnant viriliter, quanto magis debent hoc pro Domino celesti facere, a quo habent corpus et animam et qui tot pro eis passus est et tam gloriose remunerat pugnantes pro se!
  - 8 Circa tertium notandum quod sunt quedam terre que habent aquarum penuriam, ut Egiptus, et ideo Egiptii, quando excrescit Nilus et est aquarum habundantia, cum magna cura satagunt implere cisternas suas aqua. Item, quando fit alia dona, quanto maior est tanto pauperes plures tunc ardentius currunt ad eam. Item, quando magnus aliquis est in statu benigno, tanto indigentes gratia accedunt tunc ad eum pro gratia obtinenda.
  - 9 Porro tempore crucis predicante cataracte celi aperte sunt in habundantia indulgentiarum, sancta mater ecclesia manus suas aperit et palmas suas extendit ad pauperes. In eodem annus benignitatis divine et iubileus Christianorum, quo non debita denariorum sed peccatorum relaxantur, instat. Verum finitur cito ista pluvia et cito cessabit ista dona et cito transibit ista benignitas, et ideo ve illis, qui non currunt ad istas indulgentias largas!
  - 10 Conclusio: Ecce, karissimi, sancta mater ecclesia auctoritate divina suffulta movet bellum contra tales propter tales et tales causas fidei. Moveat vos zelus fidei, move-

at vos fidelitas quam debetis Domino, cuius est bellum, moveat vos et largitas indulgentiarum, que datur crucem sumentibus, et venite ad beatum istud signum sumendum!

- 11 Cantus. Materia de predictis. Thema. [i] Thi. vi [12]: *Certa bonum certamen fidei, apprehende vitam eternam!* Notandum quod sunt quidam inertie dediti, qui semper quiescunt et numquam decertant. Alii vero sunt qui [fl. 219r] decertant interdum, sed maio certamine. Et hii omnes tendunt ad mortem eternam. Alii vero sunt qui pugnant optimo certamine, scilicet fidei, et sic tendunt ad vitam eternam, ut hic dicitur. Notandum autem quod sicut reges etc. ut supra.

### SERMÃO III<sup>133</sup>

In predicatione crucis contra hereticos

- 1 Notandum quod inter omnia genera peccatorum heresis quoad multa est peior. Alia enim peccata multa non habent obstinationem, sed heresis habet hoc, quia secundum Augustinum error non facit hereticum sed obstinatio. Unde dicit: 'Errare potero, hereticus non ero'.
- 2 Preterea multa sunt alia peccata, que remanent in solo subiecto. Istud vero transit in alios, quia est infectivum. Propter quod significatur multotiens in scriptura per lepram. Beda: 'Leprosi non absurde intelligi possunt, qui vere fidei scientiam non habentes varias doctrinas profitentur errorum'.
- 3 Preterea multa sunt alia peccata, que non cooperiunt se, unde et illa perpetrantes bene recognoscunt se male facere. Istud vero se cooperit sub similitudine boni, unde nullus hereticus dicit se male credere sed bene. Et ideo dicitur de hereticis Mt. vii [15]: *Veniunt ad vos in vestimentis ovium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces.*
- 4 Iterum notandum quod inter omnia peccata hoc est valde nocivum. Alia enim peccata nocent vel soli committenti illa vel paucis aliis, istud vero intendit destruere totam ecclesiam. Propter quod signantur heretici, Iud. xv [4], per vulpes Sampsonis que caudas habebant colligatas, sed facies diversas, quia heretici, licet in se sint divisi, tamen omnes sunt alligati in intentione destruendi ecclesiam.
- 5 Preterea ipsi vias descendendi ad infernum multiplicant, dum novas adveniunt sectas errorum, per quas illuc descenditur. ii Pe. ii [1]: *Erunt in vobis magistri mendaces, qui introducent hereses perditionis.*
- 6 Preterea ipsi gradientes per viam bonam fidei ad celum divertunt, sicut latrones divertunt peregrinos de via bona sub spe melioris vie. Et ideo dicitur de eis ii Io. [7]: *Multi seductores exierunt in mundum.* Que est enim maior seductio quam sic bene

<sup>133</sup> Avignon, Bibliothèque Municipale, Musée Calvet 327, fls. 219r-220r. Em IDEM, *ibidem*, pp. 222-226.

- ambulantes divertere? Ecce gravia nocumenta conari destruere totam [fl. 219v] ecclesiam, facere novas vias ad infernum, divertere homines a via celi recta.
- 7 Iterum notandum quod ecclesia utitur multis remediis contra hereticos. Utitur enim doctrina predicando, disputando, conferendo. Sed hoc non prodest apud multos, quia ipsi perverse exponunt auctoritates et magis credunt sensui suo, licet pauci sint et idiote, quam omni multitudini sanctorum et magistrorum sapientum qui fuerunt et sunt in ecclesia.
  - 8 Item utitur remedio excommunicationis, quia heretici ipso facto sunt excommunicati. Sed ipsi de hoc non curant, quia non reputant quod prelati ecclesie habeant huiusmodi potestatem.
  - 9 Item utitur penis contra eos, ubi habet potestatem. Nam puniuntur quoad honores per depositionem, quoad temporalia per confiscationem, quoad corpus per carceres, modo per mortem, cum relinquuntur curie seculari.
  - 10 Sed contra hec interdum se defendunt per potentiam secularem, quam in se vel in suis fautoribus habent; et tunc, quando alia remedia minora non proficiunt, utitur ecclesia contra eos persecutione militari, sicut sapiens medicus ferro utitur ad prescindendum membrum putridum corruptivum aliorum, quando remedia leviora non prosunt. Melius est enim membrum ferro vel igne destrui, quam sana membra corrumpi.
  - 11 Et nota quod secundum legem veterem tria sunt genera hominum, qui digni sunt morte. Unum est blasphemi. Le. xxiii [16]: *Qui blasphemaverit nomen Domini moriatur morte*. Aliud est delinquentes in rem publicam. Exo. xxii [18]: *Maleficos non patieris vivere*. Isti enim vocantur malefici, qui alios ledunt. Aliud est phitonici, qui scilicet habent phitonem in ventre, Le. xx [27]: *Vir sive mulier, in quibus phitonicus vel divinationis fuerit spiritus, morte morietur*.
  - 12 Cum ergo heretici sint summe blasphemi, quia multa inconvenientia dicunt de Deo, et summe noceant rei publice, scilicet ecclesia, ut preostensum est, et spiritum divinationis vel malum habeant, quo actore proculdubio multa divinant et sompnant de scripturis, quid faciendum est de eis in nova lege, in qua debet pro fide et omni veritate et ho- [fl. 220r] nestate zelari magis?
  - 13 Conclusio: Ecce videtis, karissimi, quanta est malitia hereticorum, videtis etiam quantum nocent in mundo, videtis iterum quam pie et modis multis piis laborat ecclesia eos revocare. Sed apud tales et tales nichil ista potuerunt proficere, immo per potentiam secularem se defendunt, et ideo sancta mater ecclesia, licet invita et cum dolore, contra eos convocat exercitum Christianum.
  - 14 Quicumque ergo habet zelum fidei, quicumque diligit bonum commune Christianitatis, quicumque est quem tangit honor divinus, quicumque est qui vult habere istam magnam indulgentiam, veniat et accipiens signum crucis adiungat se militie Crucifixi!

15 Materia de predictis. Thema in Ps. [cf. v, 6-7]: Quis consurget michi adversus malignantes aut quis stabit mecum adversus *operantes iniquitatem*? Et nota quod istud olim dictum a David rege modo dicitur a nostro David Ihesu Christo. Heretici siquidem sunt malignantes illi, de quibus dicitur [Ps. xxv, 5]: *Odivi ecclesiam malignantium*. *Operantes autem iniquitatem* sunt eorum credentes, qui in spe venie facilis, quam eis promittunt heresiarche, exponunt se audacter omni iniquitati. Notandum autem quod inter omnia genera etc. ut supra.

#### SERMÃO IV<sup>134</sup>

In predicatione crucis contra Sarracenos

1 Notandum quod ad sumendum crucem contra Sarracenos sunt sex que debent movere: primum est zelus honoris divini, secundum est zelus Christiane legis, tertium est fraterna caritas, quartum est devotio ad Terram Sanctam, quintum est exempla precedentium, sextum conditio belli.

2 Materia de predictis. Thema: Ysa. vi [3]: *Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus exercituum*. Require in opusculo 'De predicatione crucis contra Sarracenos'.

<sup>134</sup> Avignon, Bibliothèque Municipale, Musée Calvet 327, fl. 220r. Em IDEM, *ibidem*, p. 228.